



# PAZ E BEM

Ordem Franciscana Secular (OFS)

Edição Janeiro/Fevereiro - Ano 61 - Nº 361

## SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Um Homem extasiado diante do Altíssimo*



## AMIZADE

*Um amigo é, às vezes, o deserto, outras, a água.  
Eugênio de Andrade*

**QUANDO NOS CONFRONTAMOS COM A AMIZADE SENTIMOS A DIFICULDADE DE EXPRESSÁ-LA, POIS ENTRAMOS NUM CAMPO ONDE NÃO HÁ ESPAÇO PARA MUITAS DECLARAÇÕES, E SOAM DESPROPOSITADOS OS LONGOS DISCURSOS... EXISTEM, SIM, HISTÓRIAS DE VIDA. EXISTEM NOMES, ROSTOS, VIVÊNCIAS... EXISTE O INDIZÍVEL DA PRESENÇA, A COREOGRAFIA FIEL E CRIATIVA DOS GESTOS. MESMO QUANDO SE TRATA DE UMA AMIZADE INTENSA, A AMIZADE NÃO DEIXA DE SER UMA EXPERIÊNCIA DISCRETA AINDA QUE GERE MARCAS HUMANAS E ESPÍRITUAIS INAPAGÁVEIS. NÃO É POR ACASO QUE, NAS NOSSAS SOCIEDADES, O AMOR ACABE POR SER TUTELADO INSTITUCIONALMENTE, MAS NÃO HÁ NENHUMA LEI ESCRITA QUE TUTELE A AMIZADE. HÁ UMA ÉTICA DA AMIZADE, MAS ESTA VEM APENAS INSCRITA NOS CORAÇÕES.**

(...)

**UM AMIGO, POR DEFINIÇÃO, É ALGUÉM QUE CAMINHA AO NOSSO LADO, MESMO SE SEPARADO POR MILHARES DE QUILOMETROS, OU POR DEZENAS DE ANOS. O LONGE E A DISTÂNCIA SÃO COMPLETAMENTE RELATIVIZADOS PELA PRÁTICA DA AMIZADE. DE IGUAL MANEIRA O SILÊNCIO E A PALAVRA. UM AMIGO REÚNE ESSAS CONDIÇÕES QUE PODEM SER PARADOXAIS: ELE É AO MESMO TEMPO A PESSOA A QUEM PODEMOS CONTAR TUDO E É AQUELA JUNTO DA QUAL PODEMOS ESTAR LONGAMENTE EM SILÊNCIO, SEM SENTIR POR ISSO QUALQUER CONSTRANGIMENTO. A AMIZADE CIMENTA-SE NA CAPACIDADE DE FAZER CIRCULAR O RELATO DA VIDA, A PARTILHA DE PEQUENAS HISTÓRIAS, A NOMEAÇÃO VERBAL DA CHAMA MAIS ÍNTIMA QUE NOS ILUMINA. A AMIZADE É FUNDAMENTALMENTE UMA GRANDE DISPONIBILIDADE PARA A ESCUTA, COMO SE AQUILO QUE DIZEMOS FOSSE SEMPRE APENAS A PONTA VISÍVEL DE UM MARAVILHOSO MUNDO INTERIOR E ESCONDIDO, QUE NÃO SERÃO AS PALAVRAS A EXPRESSAR...**

José Tolentino Mendonça  
Prefácio ao livro "Os beijos não dados"  
Ermes Ronchi - Paulinas de Portugal

Fonte: Dicionário da Família Franciscana

# EXPEDIENTE

**Ministra Nacional e Conselheira Internacional**  
Maria José Coelho (MS)

**Vice- Ministro**  
Marco Antônio Dias Rodriguez (RJ)

**Coordenador Nacional de Comunicação**  
Márcio Bernardo de Oliveira Ramos (MG)

**Jornalista Responsável:**  
Leonardo Contin da Costa – MTB 6550/SC

**Auxiliar da Comunicação:**  
Bruno Pacheco

**Equipe de Elaboração**  
Aloysio de Mello Figueiredo Cerqueira (RJ)  
Daisy Lúcia M Ferreira (RJ)  
Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM (RJ)  
Maria Conceição Messias (RJ)  
Vilma Aguiar de Oliveira (RJ)

**Correção:**  
Juliana Caroline Goncalves Almeida (SP)  
Aline Milani Romeiro Pereira (RJ)  
Antonio Julio Martins (SP)

**Redação e Administração**  
Ordem Franciscana Secular do Brasil (OFS)  
Adro de São Francisco. s/nº  
Bairro da Saúde - Rio de Janeiro- RJ  
Cep:20.081-290  
Site: www.ofs.org.br  
E-mail: pazebem@ofs.org.br  
Telefax: (21) 2240-4565/ (21)2516-3478  
Caixa Postal 50052- CEO: 20050-971

**Responsável pelas Assinaturas:**  
Bruno Pacheco  
Contato: 21-2240.4565 - 2516-3478  
E-mail: pazebem@ofs.org.br

**Assinatura Anual**  
R\$ 45,00 (Quarenta e Cinco)

**Formas de Pagamento:**  
- Cheque nominal a Ordem Franciscana Secular do Brasil, pagável no Rio de Janeiro.  
-Depósito em conta corrente:  
BANCO BRADESCO  
Agência 3176-3. Conta Corrente nº 13122-9  
BANCO DO BRASIL  
Agência 0392-1. Conta Corrente nº 0013.907-6  
-Diretamente no Secretariado Nacional da OFS

**ATENÇÃO: ENVIE O COMPROVANTE DE DEPÓSITO**

**Arte/Diagramação/Capa:**  
Ricardo Meneses  
ricardomeneses.adm@gmail.com

**Impressão:**  
WalPrint, Gráfica e Editora  
www.walprint.com.br

A Revista Paz e Bem não tem finalidade de lucro. Algumas ilustrações são encontradas disponíveis na internet. Sempre procuramos fazer menção ao autor e à fonte. Caso alguém se sinta lesado, pedimos a gentileza para que entre em contato para a retirada do material em questão.

# SUMÁRIO

- 4 - **EDITORIAL**
- 5 - **PALAVRA DO CONSELHO**
- 6 - **TEMA DE ESTUDOS**  
**SÃO FRANCISCO,  
UM HOMEM EXTASIADOS DIANTE DO ALTÍSSIMO**
- 8 - **ENCONTROS COM O PAPA FRANCISCO**  
**SANTIDADE**
- 10 - **PALAVRA DE SÃO FRANCISCO**  
**FAZER -SE SERVO A GRANDE SUBVERSÃO EVANGÉLICA**
- 12 - **TEOLOGIA FRANCISCANA**  
**DESVELANDO O ESPÍRITO DA IDADE MÉDIA**
- 14 - **ESPIRITUALIDADE**  
**O CUIDADO COM A NOSSA ESPIRITUALIDADE**
- 16 - **ATUALIDADE**  
**OS DOMINGOS PRECISAM DE FERIADOS**
- 18 - **ESPECIAL**  
**FRATERNIDADE E VIDA: DOM E COMPROMISSO**
- 20 - **PALAVRAS DA FÉ**  
**EVANGELHO**
- 22 - **GRANDES TEXTOS**  
**A RESPEITO DA ESPERANÇA**
- 23 - **FORMAÇÃO**  
**ANIMAÇÃO FRATERNA:  
RESGATE, TESTEMUNHO, CONSTRUÇÃO...**
- 26 - **RETRATOS DE NOSSA GENTE**  
**EDITH STEIN: SANTA TERESA BENEDITA PAZ**
- 28 - **DAQUELES QUE SERVEM**  
**O MINISTRO E VICE MINISTRO LOCAIS**
- 30 - **NOSSO PATRIMÔNIO**  
**O ENCONTRO DE FRANCISCO E CLARA**
- 32 - **DIVULGAÇÃO**  
**CARTA CONVOCAÇÃO**
- 35 - **JUFRA/OFS**  
**SOPRAM OS VENTOS  
DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA FRANCISCANA**



## EDITORIAL

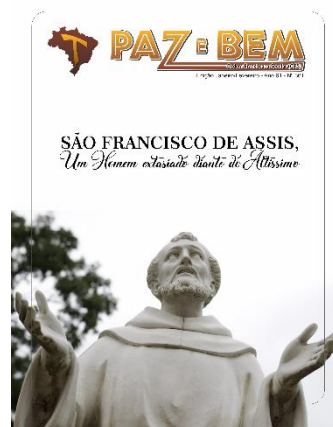
Caríssimos irmãos e irmãs, paz e bem!

Conforme adiantamos na edição passada, nossa revista está passando por algumas transformações. Para melhor contribuir com a caminhada de todos os franciscanos seculares algumas seções foram retiradas e outras inseridas. Dom Hélder Câmara disse em certa ocasião: “Feliz de quem entende que é preciso mudar muito para ser sempre o mesmo”. De forma poética, ele diz uma grande verdade.

Esperamos que esta edição reflita nosso anseio por continuar oferecendo apoio formativo de qualidade aos nossos irmãos e irmãs Brasil com textos que promovam reflexões condizentes com as necessidades e desafios que estes encontram em sua caminhada.

Seguimos atentos às sugestões de todos para continuarmos construindo nossa querida Paz e Bem a muitas mãos.

Tenham todos uma excelente leitura!



**MÁRCIO BERNARDO DE OLIVEIRA RAMOS**  
Coordenador de Comunicação

### Ordem Franciscana Secular do Brasil Conselho Nacional Triênio 2018 - 2021

<b>Maria José Coelho</b>	Ministra Nacional e Conselheira Internacional	coelhozeze@yahoo.com.br
<b>Marco Antônio Dias Rodriguez</b>	Vice-Ministro Nacional e Conselheiro Internacional Suplente	marcoadrodriuez.ofs@gmail.com
<b>Jucilene Caldas da Silva</b>	Conselheira Nacional para Área Norte	cilene_caldas@hotmail.com
<b>Paulo Gomes Mesquita</b>	Conselheiro Nacional para Área Nordeste A	pazebemofs@hotmail.com
<b>Ebevaldo Oliveira do Nascimento</b>	Conselheiro Nacional para Área Nordeste B	ebevaldo@hotmail.com
<b>Clodoaldo dos Santos</b>	Conselheiro Nacional para Área Centro - Oeste	clodaldo@escolaimaculada.com.br
<b>Maria Lúcia de Jesus Barbosa</b>	Conselheiro Nacional para Área Sudeste	luciamariam@ yahoo.com.br
<b>Aura Lana dos Reis Kamradt</b>	Conselheira Nacional para a Área Sul	aura.karadt@gmail.com
<b>Antônio Julio Martins</b>	Secretário Nacional	ajmartins@terra.com.br
<b>Felipe Paiva</b>	Tesoureiro Nacional	tesourariaofsbr@gmail.com
<b>Mayara Ingrid Sousa Lima</b>	Coordenadora Nacional de Formação	mayaingrid@yahoo.com.br
<b>Márcio Bernardo de Oliveira Ramos</b>	Coordenador de Comunicação	m3bernardo@gmail.com
<b>José de Ribamar Castro</b>	Assessor Jurídico	castrjd@uol.com.br
<b>Helmir Soares da Silva</b>	Animador Fraternal Nacional para JUFRA	helmir.sadia@hotmail.com
<b>Irmã Viviane Ramos da Costa, FDM</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	irvivifdm@hotmail.com
<b>Frei Francisco Alberto Bindá Libório, TOR</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	novoemailfco@yahoo.com.br
<b>Frei Arnaldo Cesar Rocha, OFMConv</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	freiarnaldoconv@gmail.com
<b>Frei José Maria Maia de Lima, OFMCap</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	frzemia@gmail.com
<b>Frei Túlio de Oliveira Freitas, OFM</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	tulio.defreitas@hotmail.com
<b>Aluisio Victal</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	aluisio.victal@gmail.com
<b>Joseval Ferreira Ramos</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	jvalramos1@gmail.com
<b>Maria Izabel</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	bel.barbosa1000@outlook.com
<b>José Douglas Soares Cordeiro de Souza</b>	Secretário Fraternal (Presidente) Nacional da JUFRA do Brasil	josedouglas_cordeiro@hotmail.com
<b>Nunes Dantas da Silva</b>	Conselho Fiscal Suplente	nuneso@yahoo.com.br
<b>Mário Zanchetta Sobrinho</b>	Conselho Fiscal Suplente	mariozancheta@terra.com.br
<b>Cleide Aparecida Marchi</b>	Conselho Fiscal Suplente	capmarchi@terra.com.br

## PALAVRAS DO CONSELHO

Olá, irmãos e irmãs!

**A** OFS do Brasil tem vivido um momento muito especial e, em meio ao bombardeio de informações que recebemos diariamente, é necessário reservar um tempo para falar sobre isso. Dentre as diversas atividades que já estão acontecendo e as propostas e projetos que estão sendo trabalhados para serem realizados, destaco abaixo três delas.

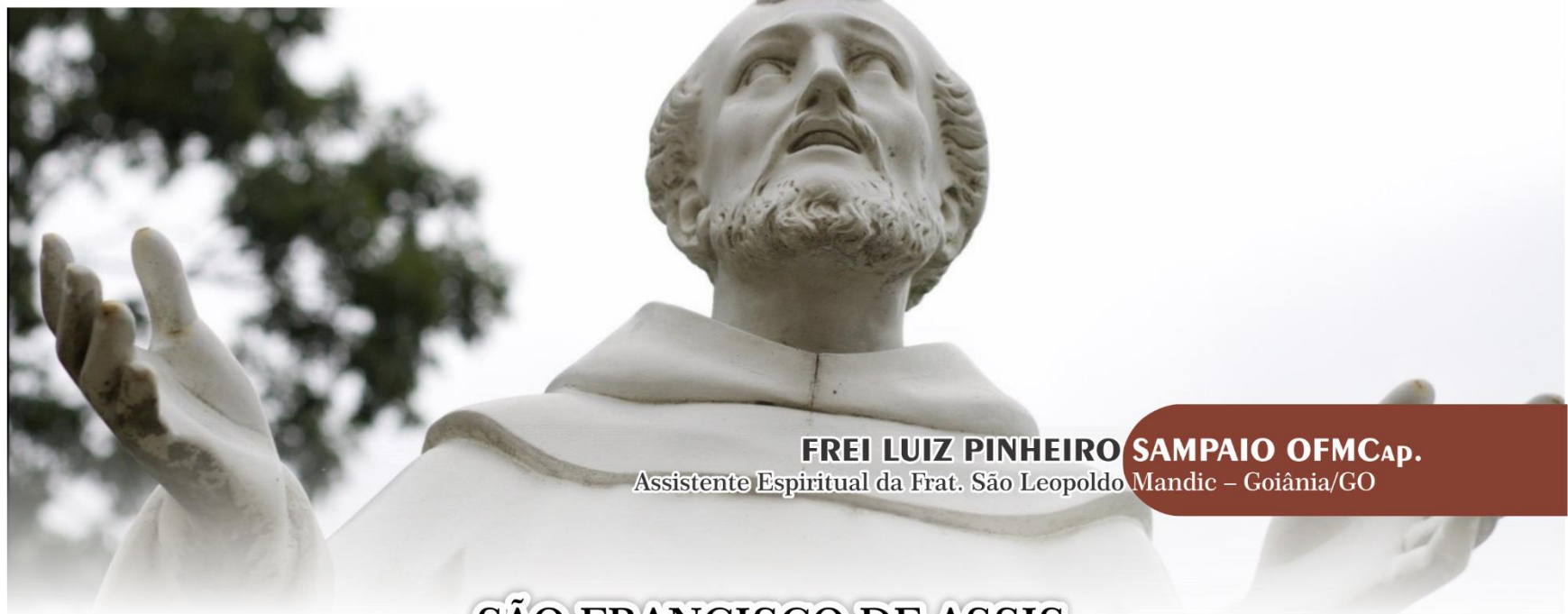
Como publicado nos meios de comunicação oficiais da Fraternidade Nacional e divulgado em nossa última edição da Paz e Bem, estamos prestes a celebrar mais um Capítulo Nacional, desta vez no modelo avaliativo, a ser realizado em Campo Grande – MS, entre os dias 28 de fevereiro e 01 de março. É bom recordar que os Capítulos sempre tiveram importância na vida da Ordem, para que não se perca de vista o espírito inicial, característico do período de fundação das ordens franciscanas. Logo no início da caminhada São Francisco exigia de seus irmãos encontros fraternos como condição fundamental de vida. Ou seja, nos próximos dias, com o tema "Regra: Medula do Evangelho e caminho para a missão" e o lema "No júbilo da penitência Evangélica para uma Igreja em saída", os representantes da OFS do Brasil nos âmbitos nacional e regional buscarão avaliar a caminhada e procurarão alternativas que possibilitem às nossas bases se aproximarem do espírito originário que inspirou o Pobrezinho de Assis.

Outra ocasião especial que temos vivido é a peregrinação da relíquia e da imagem de São Francisco, que ocorre em comemoração ao jubileu dos 800 anos da Ordem Franciscana Secular, que ocorrerá em 2021. Recordamos que a imagem foi um presente da cúria geral dos Frades Menores Capuchinhos e a Relíquia, um fragmento de osso, foi ofertada pela cúria geral dos Frades Menores Conventuais. Ambas vieram de Assis, na Itália. Essa peregrinação, organizado pelo Conselho Nacional da OFS para celebrar este grande momento da nossa história, teve início no ano de 2015 e une nossa fraternidade nacional, pois terá passado por todos os regionais, de tal modo que todos os irmãos e irmãs consigam se aproximar destes ícones, recebê-los com amor e zelo e partilhar da mesma experiência de fé.

Podemos dizer que nossas fraternidades vivem sob quatro pilares: formação, oração, convívio e apostolado. O último pilar mencionado foi deixado de lado, em muitas fraternidades, por diversos anos, em virtude de um "fechamento" e uma certa distorção do aspecto devocional. Nos últimos anos, diante de diversos aspectos sociais e políticos, mas principalmente da "amplificação" da realidade, causada pelo acesso aos meios de comunicação, dentre outros, os franciscanos seculares têm buscado compreender melhor o seu papel no que diz respeito à sua contribuição, de modo particular no âmbito da Justiça, da Paz e da Integridade da Criação (JPIC). Para melhor contribuir com a leitura desse momento, conhecer e avaliar as possibilidades de ação, a OFS do Brasil organizou, em setembro de 2019, o Encontro Nacional de Formação para Articulares de JPIC, cujo tema foi "Profecia e Esperança de uma OFS em Saída". A partir das reflexões realizadas e das propostas apresentadas pelos participantes, o Conselho Nacional disponibiliza, neste início de ano, o Documento Final deste encontro. Esperamos, com esse material, indicar alguns caminhos para melhor atender às exigências de nossa Regra, das Constituições Gerais e do Conselho Internacional da OFS, que nos aponta o JPIC como uma prioridade de nossa vida, com a qual todo franciscano e franciscana deve se comprometer.

Os três assuntos abordados nos parágrafos acima convergem para aspectos originários e fundamentais do carisma que decidimos abraçar. Precisamos observar a realidade dos nossos tempos e voltarmos àquilo que é essencial ao nosso carisma, de tal modo que sejamos fiéis ao projeto que Francisco recebeu de Deus. Desse modo, não esqueçamos da exortação de Santa Clara na Segunda Carta à Inês de Praga: "Não perca de vista seu ponto de partida

**MÁRCIO BERNARDO DE OLIVEIRA RAMOS**  
Coordenador de Comunicação



**FREI LUIZ PINHEIRO SAMPAIO OFMC<sup>ap</sup>.**  
Assistente Espiritual da Frat. São Leopoldo Mandic – Goiânia/GO

## SÃO FRANCISCO DE ASSIS, Um Homem extasiado diante do Altíssimo

A relação de São Francisco com Deus nos remete a experiências entranháveis com o ser humano, com as criaturas e consigo mesmo. Quando falava de e com o Senhor, ele o fazia de modo entusiasmado, vibrante e cheio de encantamento. Aproveitava cada instante das surpreendentes visitas do sublime Amor. Suas palavras e atitudes eram reflexos do encontro com o Amigo na profundidade do seu ser. Antes mesmo da sua conversão, foi uma pessoa tocada pela ação divina (cf. LTC 7-10). Ademais, nutria sua vocação com o Evangelho, a Liturgia da Igreja e a oração pessoal constante. As Fontes Franciscanas, escritos do Santo e biografias, nos apresentam abundantes referências sobre o tema. Sucintamente, abordaremos algumas delas.

O termo altíssimo é usado nas Fontes como substantivo e adjetivo. Aí distinguimos duas atitudes do Poverello na presença de Deus. A primeira, expressa súplica, quando ele pede o auxílio do alto para discernir a propósito do caminho a seguir: “Altíssimo, glorioso Deus, ilumina as trevas do meu coração...” (cf. Oração diante do Crucifixo, 1). A segunda atitude se refere a um ato de louvor e gratidão, ou seja, reconhecimento do Criador por parte do homem: “Altíssimo, onipotente, bom Senhor, Teus são o louvor, a glória, a honra e toda bênção (cfr. Ap 4, 9.11). Só a Ti, Altíssimo, são devidos...” (cf. Cântico do Frei Sol, 1-2). Assim, podemos compreender o transbordamento da alma, poética e fervorosa, do bem-aventurado ao Pai.

Segundo Lázaro Iriaste, entre os aspectos mais interessantes da piedade do Pobrezinho de Assis está aquele que se refere a Deus como Sumo Bem, Todo o Bem. Diretamente, essa visão nós a encontramos em seus escritos, por exemplo na oração Louvores para todas as horas: “Onipotente, santíssimo, altíssimo e soberano Deus, que sois todo o bem, o sumo bem, a plenitude do bem, que só Vós sois bom (cf. Lc 18-19), ...” (cf. LH 11; tb. Carta 2 aos Fiéis, 62). E ainda nas Admoestações, exortava: “Portanto, todo aquele que inveja seu irmão pelo bem que o Senhor diz e faz nele, incorre no pecado de blasfêmia, porque inveja o próprio Altíssimo, que diz e faz todo bem.

” (cf. Adm. 8; tb. RNB 17,17-18). Não se trata de uma abstração teórica da Escolástica. Ao contrário, compreende a percepção sensível de um contemplador da Palavra revelada e das realidades humanas e cósmicas que o rodeavam. Isto só foi possível, porque ele se abriu sem reservas à mensagem do Altíssimo e deixou-se invadir e iluminar pela graça divina.

Totalmente irradiado pela luz celeste, brotavam do seu coração, exortações, orações, cânticos, poemas e outras expressões, carregadas de sentimentos e reflexões apuradas. Em solene ação de graças, reconhecera a sublimidade divina: “Onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus, Pai santo (Jo 17,11) e justo, Senhor rei do céu e da terra (cfr. Mt 11,25), por ti mesmo te damos



graças(...), ” (cf. RNB, 23,1). Seu espírito extravasava em densos atributos ao Eterno: “Vós sois forte, Vós sois grande (cf. SI 85, 10), Vós sois altíssimo, (...) Vós sois trino e uno, Senhor Deus dos deuses (cf. SI 135, 2), Vós sois o bem, todo bem, o sumo bem, Senhor Deus vivo e verdadeiro (cf. 1Ts 1, 9). Vós sois amor, caridade; Vós sois sabedoria, Vós sois humildade, Vós sois paciência (SI 70, 5), (...) Vós sois nossa esperança e alegria, Vós sois justiça, Vós sois temperança, Vós sois toda nossa riqueza e satisfação. (...) Vós sois nossa vida eterna: Grande e admirável Senhor, Deus onipotente, misericordioso Salvador.” (Cf. Louvores ao Deus Altíssimo, 2-5). Com simplicidade, mergulha em profundidade na Transcendência, quando elabora a Paráfrase do Pai Nosso. Reza e celebra o mistério salvífico no Ofício da Paixão. Em tudo, o Poverello se derramava em louvores à Bondade incontornável.

Além disso, três momentos marcantes significaram seu itinerário espiritual. Em primeiro lugar, seu

Para assemelhar-se a São Francisco (e também a Santa Clara), inebriado de amor visceral diante da Grandeza infinita, inserido em seu contexto, os franciscanos e as franciscanas precisamos fazer a “revolução da ternura”, profunda e fecundamente, aqui e agora, com nossos pés no chão, da realidade cultural, social, política, econômica, ecológica e eclesial.

deslumbramento ao meditar, reverenciar, celebrar e comungar do mistério do Corpo e do Sangue do Senhor (cf. Adm. 1). Em segundo lugar, sua admiração e amor inaudito pelo Natal, quando diligentemente preparou o presépio no povoado de Grécio, para recordar os primeiros momentos de vida do Menino de Belém (cf. 1Cel 84-87). E, em terceiro lugar, sua paixão pelo Crucificado: “Eu deveria percorrer o mundo sem a vergonha de chorar a paixão do meu Senhor” (cf. Espelho da Perfeição, 92). E, especialmente, no encontro com a humanidade desfigurada no corpo do leproso. A partir de então, começou a trilhar o caminho da ternura, sem

normas, nem formas: “o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo.” (cf. Test. 1-3). Portanto, a fé dócil e simples do Seráfico pai não encontrara dificuldades para contemplar a beleza inefável de Deus, libertador e salvador.

Para assemelhar-se a São Francisco (e também a Santa Clara), inebriado de amor visceral diante da Grandeza infinita, inserido em seu contexto, os franciscanos e as franciscanas precisamos fazer a “revolução da ternura”, profunda e fecundamente, aqui e agora, com nossos pés no chão, da realidade cultural, social, política, econômica, ecológica e eclesial. Aí anunciaremos a Boa Nova de Jesus Cristo. Aí semearmos Paz e Bem! Aí seremos capazes de romper barreiras e estreitar os laços fraternos. Aí assumiremos a responsabilidade de cuidar da criação e da nossa “casa comum”, a nossa irmã e mãe Terra. E, aí também, viveremos e celebraremos o Altíssimo e Sumo Bem.





## Encontros com o Papa Franciscus

# Santidade

O Papa Francisco continua “mexendo” conosco. Acolhemos com alegria a sua Exortação Apostólica “Gaudete et Exultate”, sobre a santidade. Dela transcrevemos alguns aspectos relevantes. (nn.14 - 18).

### A Redação

14. Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra. És uma consagrada ou um consagrado? Sê santo, vivendo com alegria a tua doação. Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És um trabalhador? Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos. És progenitor, avó ou avô? Sê santo, ensinando com paciência as crianças a seguirem Jesus. Estás investido em autoridade? Sê santo, lutando pelo

bem comum e renunciando aos teus interesses pessoais.

15. Deixa que a graça do teu Batismo frutifique num caminho de santidade. Deixa que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, opta por Ele, escolhe Deus sem cessar. Não desanimes, porque tens a força do Espírito Santo para tornar possível a santidade e, no fundo, esta é o fruto do Espírito Santo na tua vida (cf. Gal 5, 22-23). Quando sentires a tentação de te enredares na tua fragilidade, levanta os olhos para o Crucificado e diz-Lhe: «Senhor, sou um miserável! Mas Vós podeis realizar o milagre de me tornar um pouco melhor». Na Igreja, santa e formada por pecadores, encontrarás tudo o que precisas para crescer rumo à santidade. «Como uma noiva que se adorna com as suas joias» (Is 61, 10), o Senhor acumulou-a de dons com a Palavra, os Sacramentos, os santuários, a vida das comunidades, o testemunho dos santos e uma beleza

multiforme que deriva do amor do Senhor.

16. Esta santidade, a que o Senhor te chama, irá crescendo com pequenos gestos. Por exemplo, uma senhora vai ao mercado fazer as compras, encontra uma vizinha, começam a falar e... surgem as críticas. Mas esta mulher diz para consigo: «Não! Não falarei mal de ninguém». Isto é um passo rumo à santidade. Depois, em casa, o seu filho reclama a atenção dela para falar das suas fantasias e ela, embora cansada, senta-se ao seu lado e escuta com paciência e carinho. Trata-se doutra oferta que santifica. Ou então atravessa um momento de angústia, mas lembra-se do amor da Virgem Maria, pega no terço e reza com fé. Este é outro caminho de santidade. Noutra ocasião, segue pela estrada fora, encontra um pobre e detém-se a conversar carinhosamente com ele. É mais um passo.





17. Sucede, às vezes, que a vida apresenta desafios maiores e, através deles, o Senhor convida-nos a novas conversões que permitam à sua graça manifestar-se melhor na nossa existência, «para nos fazer participantes da sua santidade» (Heb 12, 10). Outras vezes trata-se apenas de encontrar uma forma mais perfeita de viver o que já fazemos: «há inspirações que nos fazem apenas tender para uma perfeição extraordinária das práticas ordinárias da vida cristã». Quando estava na prisão, o Cardeal Francisco Xavier Nguyen van Thuan renunciou a

desgastar-se com a ânsia da sua libertação. A sua decisão foi «viver o momento presente, cumulando-o de amor»; eis o modo como a concretizava: «aproveito as ocasiões que vão surgindo cada dia para realizar ações ordinárias de maneira extraordinária».

18. Deste modo, sob o impulso da graça divina, com muitos gestos vamos construindo aquela figura de santidade que Deus quis para nós: não como seres autossuficientes, mas «como bons administradores das várias graças de Deus» (1 Pe 4, 10). Os Bispos da Nova

Zelândia ensinaram-nos, justamente, que é possível amar com o amor incondicional do Senhor, porque o Ressuscitado partilha a sua vida poderosa com as nossas vidas frágeis: «o seu amor não tem limites e, uma vez doado, nunca volta atrás. Foi incondicional e permaneceu fiel. Amar assim não é fácil, porque muitas vezes somos tão frágeis; mas, precisamente para podermos amar como Ele nos amou, Cristo partilha connosco a sua própria vida ressuscitada. Desta forma, a nossa vida demonstra o seu poder em ação, inclusive no meio da fragilidade humana»





# Palavra de **São Francisco**

FREI DORVALINI

## *Fazer-se Servo a grande subversão Evangélica*

**S**ervir, servir e servir, dentro e fora da Fraternidade, foi assim que se definiu e viveu uma irmã terciária franciscana (Cf. Marina, a Formiguinha que se enamorou do Sol, p. 238). Com isso ela atingiu o coração de Deus, tão bem vivido e testemunhado por São Francisco, como podemos ler nesta sua palavra:

*Que ninguém se aproprie da prelatura*

“Não vim para ser servido, mas para servir” (Cf. Mt 20,28), diz o Senhor.

Os que estão constituídos sobre os outros, gloriem-se tanto dessa superioridade como se estivessem encarregados do ofício de lavar os pés dos Irmãos. E caso se perturbem mais por lhes tirarem o cargo de Superior do que de deixarem o ofício de lavar os pés, mais bolsas acumulam para si com perigo para a alma (Ad V).

O dito inicial é de Mateus. Jesus havia acabado de anunciar a seus discípulos que o Filho do Homem seria entregue nas mãos dos gentios para que dele escarnecessem, o açoitassem e o crucificassem (Mt 20,17-19). Eis, então que se chega a mãe dos filhos de Zebedeu implorando-lhe um cargo de honra, glória e poder para seus dois filhos.

O contraste é abissal, grotesco. Enquanto esses – que nada são - buscam o poder, o domínio sobre os outros, Jesus – o Filho de Deus, o Mestre e Senhor - faz o oposto: se põe debaixo, se humilha e se aniquila em favor dos outros. Aqueles querem mandar. Este se apequena e abdica de sua glória de Filho de Deus para fazer-se escravo e obediente ao Pai e a toda humana criatura até a morte e morte de Cruz.

Por isso, ao meditar este dito, Francisco não podia deixar de referir-se ao momento da Última Ceia quando Jesus, ao transmitir seu testamento o faz instituindo este novo princípio para seus seguidores. Para os antigos judeus e gregos ser servo (empregado!) era algo indigno. “Dominar sempre, servir jamais”, era a

marca da grandeza, da glória de um ser humano. Por isso, Pedro se negava a que Jesus lhe lavasse os pés. Como, Ele, o Mestre podia se rebaixar a tanto, fazendo o serviço de um servo!? Mas, Ele sabe que só assim, isto é, só quando todos os homens forem ou melhor se compreenderem e se fizerem humildes, pequenos, menores e súditos uns dos outros é que haverá bem estar, fraternidade e paz.

Jesus, veio colocar o princípio (a Boa Nova) de uma nova humanidade, de um novo humano que se assenta no modo de ser de seu Pai que, em vez de ser servido, está sempre servindo. Por isso, se eles quisessem pertencer a esta nova humanidade, se quisessem ser seus discípulos precisavam ser constituídos



sobre os outros não como senhores e mandatários, mas como servos encarregados do ofício de lavar os pés dos Irmãos. Mas, como isto não está no poder deles, era necessário que, antes de partir Ele os constituísse, elege-se, consagrasse, ordenasse, ungis-se para serem seus imitadores, seguidores-missionários, testemunhas, marcas vivas desta nova identidade do novo homem e da nova humanidade, do novo Povo de Deus: servos e não senhores, os últimos e não os primeiros, os menores e jamais os maiores, os discípulos e nunca os mestres.

Mas, por que servir o outro é tão grandioso e honroso? Porque Jesus vê nele o rosto do Pai, como depois Francisco vê nas pessoas vis e desprezadas, pobres e débeis, enfermos, leprosos e mendigos de rua (RNB 9,3) o próprio Cristo. Ora, pode haver maior honra, glória, alegria e benefício para um filho do que lavar os pés do seu pai e de um discípulo fazer o mesmo com seu mestre?

Mas, devemos reconhecer humildemente que, ainda hoje, está muito fortemente enraizada no fundo de nossa mente a ideia de que “grande”, “glorioso”, “bonito”, “digno”, “importante” é ser papa, bispo, padre, religioso, ministro, formador, enfim ter algum cargo!? Já, ser apenas um

**O Papa Francisco chama esta mentalidade de “mundanismo espiritual” e cita o próprio Senhor: Como vos é possível acreditar se andais à procura da glória uns dos outros e não procurais a glória que vem do Deus único (Jo 5,44)? (Cf. EG 93).**



simples fiel ou leigo ou um simples irmão, igual a todos, sem nenhum cargo ou nomeação de poder, não proporciona nenhuma dignidade, honra, importância ou glória. O Papa Francisco chama esta mentalidade de “mundanismo espiritual” e cita o próprio Senhor: Como vos é possível acreditar se andais à procura da glória uns dos outros e não procurais a glória que vem do Deus único (Jo 5,44)? (Cf. EG 93).

Não há, pois como ser franciscano sem ser fraterno e não há como ser fraterno sem ser servo, dentro e fora da fraternidade. Se comungamos Jesus Cristo com tanta devoção, alegria e gratidão no pão eucarístico da Missa, porque não comungá-Lo também no irmão e na Fraternidade, cavando-lhe os pés, isto é, servindo-o?! A presença Dele é tão real e viva tanto lá como cá.

Diz ainda nosso Papa Francisco: “Quando a vida interior se fecha nos próprios in-teresses, deixa de haver espaço para os outros, já não

entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem” (EG 2).

E, concluindo, ele dá as consequências de quando se busca a glória da grandeza do mundo e não do serviço ao irmão: transformam-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta

não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o designio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado (idem).

Por tudo isso, numa Fraternidade, cada Irmão deveria assumir sempre e permanentemente pelo menos um serviço. Nem que seja limpar os banheiros, etc., etc. Para quem, a exemplo de Cristo, de Francisco, Santa Isabel e São Luís, é movido pelo ardente fogo da Paixão de Cristo pobre e Crucificado, que sendo Deus se fez o servo dos servos, não pode deixar de desejar servir. Por isso, também, sempre descobrirá um serviço que precisa ser prestado seja dentro ou fora da Fraternidade.

**“Eu, N. N. tendo recebido a graça de professar... me consagro ao serviço de seu Reino”** (Fórmula da nossa Profissão)





# Teologia Franciscana

GRUPO DE ESTUDOS TEOFRAN  
(INTERFRATERNIDADES)

## Desvelando o espírito da Idade Média

**E**sta seção de nossa Revista traz a proposta de levar-nos a refletir sobre a Teologia Franciscana. Teologia essa que surgiu no contexto medieval. Iniciaremos tratando da Idade Média, para que alguns preconceitos sobre este período histórico sejam revistos e esclarecidos.

A expressão Idade Média designa um período de, aproximadamente, mil anos compreendido entre a queda do Império Romano (476) e o Renascimento (por volta de 1453).

O termo “Idade Média” nasce com os humanistas. Agrava-se, em sentido pejorativo, nos enciclopedistas, protestantes e primeiros historiadores do século XIX.

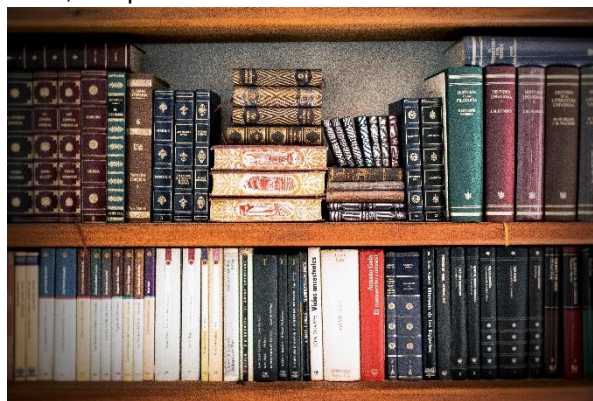
Buscando uma visão objetiva, não preconceituosa, começemos a refletir os conceitos desfavoráveis da Idade Média:

**HUMANISTAS:** Presentes em quase todas as universidades europeias no século XIV, desprezavam os valores culturais dos séculos anteriores: escolástica e nominalismo. Deslumbrados com o súbito reaparecimento dos clássicos da Antiguidade, reagiram com excessiva radicalidade contra a escolástica decadente e nela personificaram, injustamente, toda a “Idade Média”.

Esta expressão é tardia, mas seu sentido pejorativo remonta a eles.

**PROTESTANTES:** Viam o humanismo como antecedente imediato da Reforma. Aumentaram os pontos negativos da escolástica, considerando que ela havia sido uma escrava servil da teologia “papista”. Papismo e papista são termos, geralmente depreciativos, utilizados para categorizar os católicos romanos. Foram criados pelos protestantes ingleses como referência à soberania do papa sobre os cristãos e para nomear os que respeitavam esta ascendência.

**ENCICLOPEDISTAS:** Tinham como objetivo minar os fundamentos impostos através do absolutismo e da fé institucionalizada. Nesse sentido, o princípio da autoridade foi questionado. O enciclopedismo foi um movimento epistemológico e filosófico, não teológico. O conhecimento devia ser totalmente independente da escolástica, não podia ser determinado por doutrinas religiosas, mas estar de acordo com o conhecimento universal. A razão devia prevalecer sobre fé. Os fatos eram mais importantes do que as crenças pessoais ou de grupos religiosos.





**PRIMEIROS HISTORIADORES DO SÉCULO XIX:** Consideraram a Idade Média a noite dos mil anos, iluminada pelas fogueiras da Inquisição, entregue às superstições e bruxarias. Esses historiadores mergulharam suas raízes nas transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas entre 1789 e 1848. Nesse período, ocorre o processo final da destituição do sistema feudal e a estruturação do poder burguês, que tem como termo a

passagem do absolutismo ao liberalismo. Diferenciavam-se em quatro correntes ou tendências historiográficas: romantismo, positivismo, historicismo e marxismo. Somente se fixavam no renascimento da antiguidade clássica, reagindo ao período medieval e apresentando sua perspectiva, a partir da visão de mundo do período moderno, ignorando aspectos valiosos e profundos da Idade Média.

## PASSEMOS AGORA À REAÇÃO FAVORÁVEL À IDADE MÉDIA

**ROMÂNTICOS:** Iniciaram um movimento, no final do século XVIII, na Alemanha, de reação a favor da Idade Média. Houve uma reabilitação mais estética e literária que histórica. Foi um movimento brilhante, porém superficial. Ignoravam o pensamento, a filosofia e a vida real da Idade Média. Mas, se deram conta da unidade política e religiosa e do espírito daquela época. Muitos dos aspectos políticos e culturais foram estudados.

**HISTORIADORES:** Em meados dos séculos XIX, muitos historiadores se interessaram por uma Idade tão variada e rica em conteúdo, iniciando uma reação favorável. Todavia, a verdadeira habilitação da Idade Média ocorreu a partir de 1880, com o espírito crítico, seriedade e objetividade, por investigadores, a maioria do campo católico, como E. Gilson e M.D. Chenu. Em um período tão longo, sucedem muitas coisas más, sucedem também muitas coisas boas, que compensam as primeiras.

## ASPECTOS CULTURAIS DA IDADE MÉDIA

A Idade Média pode ser considerada sob dois aspectos:

### CONSERVAÇÃO DA CULTURA CLÁSSICA E RECUPERAÇÃO DA FILOSOFIA GREGA

Assim, todo o período medieval “até o Renascimento, inclusive, é um longo processo de conservação, recuperação, reincorporação e assimilação de valores culturais, políticos, jurídicos, literários, artísticos, sociais e filosóficos, herdados da Grécia e Roma” ( Fraile). Desse modo, toda a Idade Média é um prolongado renascimento.

Esta recuperação se realiza com um espírito novo que distingue a Antiguidade da Idade Média.

### ELABORAÇÃO DE UMA CULTURA PRÓPRIA

No decorrer da Idade Média, vai se elaborando uma cultura própria, que, em muitos aspectos supera a Antiguidade Clássica. A música religiosa, uma das mais belas criações medievais, se desenvolve em função do culto divino e da liturgia. Há uma dupla manifestação da arquitetura: romântica e ogival. Não será necessário esperar o Renascimento para se ter o amor aos livros e a afeição do saber. A Idade Média tem um conceito elevadíssimo do ser humano, que ocupa um lugar privilegiado entre todos os seres da criação. É uma época de predomínio da fé cristã, sem que o dogma entorpeça, nos filósofos e teólogos cristãos, o exercício de sua faculdade de pensar. Na Idade Média, surgem escolas monacais e catedrais, cujo desenvolvimento desembocará na formação das universidades.

“E assim, para julgar a Idade Média, não se devem empregar critérios posteriores, mas sim tratar de penetrar em seu espírito e em sua mentalidade, esforçando-se por captar a alma e os ideais, que inspiraram suas criações”. ( Fraile)

### Fonte:

FRAILE, Guillermo e URDÁNOZ, Teófilo. História de la Filosofía. Volume II. Madrid. BAC. 1975



# Espiritualidade

GRUPO DE ESTUDO SHALOM -RJ

## © *cuidado com nossa espiritualidade*

*Enquanto caminhavam, Jesus entrou num povoado e certa mulher, de nome Marta, o recebeu em sua casa. Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor e ficou escutando a Sua Palavra. Marta estava ocupada com muitos afazeres. Aproximou-se e falou: “Senhor, não Te importas que minha irmã me deixe sozinha com todo serviço? Manda que ela venha ajudar-me!” O Senhor, porém, respondeu: “Marta! Marta! Você se preocupa e anda muito agitada com muitas coisas, porém uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada”. (Lc 10, 38-42)*

*Não se iludam, pois com Deus não se brinca: cada um colherá aquilo que tiver semeado. Quem semeia os instintos egoístas, dos instintos egoístas colherá corrupção; quem semeia no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna. (Gl 6, 7-8)*

**A**creditamos que a espiritualidade passa pelo cuidado com o relacionamento **intrapessoal** (interior). Esse cuidado é importante, necessário e mesmo decisivo para a construção da fraternidade. Como construir relacionamentos **interpessoais**, se não conseguimos, nem conosco mesmos, viver harmonicamente?

Como abordar nossa interioridade?

A maioria de nós tem um certo medo de entrar em contato consigo mesmo, com a própria interioridade. Mas, nos justificamos dizendo que com a espiritualidade e a oração tudo se resolve.

Estranho!

O que será que entendemos por espiritualidade?

Nossa espiritualidade está intrinsecamente unida à individualidade; à interioridade. Mas o medo de entrar em contato consigo mesmo leva a construir uma aparência de interioridade.

Geralmente, representamos um papel, conforme os diferentes ambientes em que vivemos. Acontece

sempre que nos deparamos com aquilo que não aceitamos em nós.

A pessoa sem equilíbrio não cresce em maturidade de modo saudável e sustentável.

Há uma tendência de viver em polos, ou num extremo ou no outro

E, de modo geral, a maneira como tomamos decisões deve-se aos



extremos em que nos encontramos. O desafio para uma maturidade consistente é ser capaz de se posicionar e se movimentar entre um extremo e o outro, sem abrir mão de valores essenciais.

As extremidades existem e não devem ser ignoradas ou menosprezadas, simplesmente por não estarem do “meu” lado da balança!

O equilíbrio é o ponto de convergência entre dois extremos; quando dois extremos funcionam bem. Isso é fundamental para nossa maturidade humana e cristã.

O desafio, portanto, para o equilíbrio é tentar encontrar o “ponto de contato”, a harmonia entre o “Eu” e o “Outro” não anulando os lados opostos e sim percorrendo aquele eixo entre os polos, através de uma comunicação eficaz e conciliadora.

Esse processo de amadurecimento, significa tornar-se um ser único, isto é, uma pessoa, com sua individualidade; sua interioridade; sua singularidade mais íntima, última e incomparável.

Esse processo nunca é plenamente alcançado. Devido ao fato de transcender a consciência, não pode ser completamente experimentado.

Ser ou não ser, sempre foi uma questão.

Desde que o mundo é mundo, desde os primórdios, o ser humano busca respostas para sua existência. De onde viemos? Para onde iremos? Qual nosso propósito? Sem respostas, diante do grande mistério da vida, continua em sua angústia existencial.

Por que é tão difícil ser? Por que tantas pessoas perdidas dos seus propósitos? Por que é tão doloroso enfrentar obstáculos ao invés de ultrapassá-los?

Ser único pede uma relação profunda consigo mesmo.

Mas esse mergulho na nossa própria interioridade causa medo ao revelar os segredos que a consciência desconhece; causa a sensação de não ter controle perante a vida. Então, relutamos em deixar velhas crenças, mudar comportamentos e hábitos, como se algo fosse morrer, por isso se prefere continuar na ilusão do sofrimento. Sofrimento por escolher viver na dualidade, não integrado, ficando partidos, separados de nós mesmos.

Mas, estamos dispostos a pagar o preço de sermos quem realmente somos?

É um risco; um desafio enorme. Talvez, por isso, seja tão difícil simplesmente ser.

É preciso restabelecer o sagrado em nós. Um despertar

espiritual, uma reconexão com nossa inteireza. E isso é, simultaneamente, um ato de coragem e desapego.

A libertação e o resgate dos impulsos; a liberação de energia e o amor oblato, que compõem nosso ser, nossa identidade devem concretizar-se nas relações interpessoais.

Por isso, o amor liberta e nos faz íntegros, possibilitando que aconteça o desabrochar de nossa espiritualidade!

Essa espiritualidade, essa interioridade, essa singularidade constitui o fio que tece a fraternidade.

Irmãos e irmãs “devem reverenciar-se espiritual e diligentemente, e honrar-se mutuamente sem murmuração”. RnB 7,15

Amar é respeitar. O respeito é a primeira e mais elementar atitude nas relações interpessoais de uma Fraternidade.

Franciscanos e franciscanas seculares, que vivem a espiritualidade do cuidado, precisam desenvolver, prioritariamente, o cuidado e o respeito com a espiritualidade que abraçaram.

Espiritualidade no nível pessoal e no nível do carisma a que fomos vocacionados.





## OS DOMINGOS PRECISAM DE FERIADOS

**T**oda sexta-feira à noite começa o shabat para a tradição judaica. Shabat é o conceito que propõe descanso ao final do ciclo semanal de produção, inspirado no descanso divino, no sétimo dia da Criação. Muito além de uma proposta trabalhista, entendemos a pausa como fundamental para a saúde de tudo o que é vivo. A noite é pausa, o inverno é pausa, mesmo a morte é pausa. Onde não há pausa, a vida lentamente se extingue.

Para um mundo no qual funcionar 24 horas por dia parece não ser suficiente, onde o meio ambiente e a terra imploram por uma folga, onde nós mesmos não suportamos mais a falta de tempo, descansar se torna uma necessidade do planeta. Hoje, o tempo de 'pausa' é preenchido por diversão e alienação. Lazer não é feito de descanso, mas de ocupações 'para não nos ocuparmos'. A própria palavra entretenimento indica o desejo de não parar. E a incapacidade de parar é uma forma de

depressão. O mundo está deprimido e a indústria do entretenimento cresce nessas condições. Nossas cidades se parecem cada vez mais com a Disneylândia. Longas filas para aproveitar experiências pouco interativas. Fim de dia com gosto de vazio. Um divertido que não é nem bom nem ruim. Dia pronto para ser esquecido, não fossem as fotos e a memória de uma expectativa frustrada que ninguém revela para não dar o gostinho ao próximo.

### *Entramos no milênio num mundo que é um grande shopping*

Entramos no milênio num mundo que é um grande shopping. A Internet e a televisão não dormem. Não há mais insônia solitária; solitário é quem dorme. As bolsas do Ocidente e do Oriente se revezam fazendo do ganhar e perder, das informações e dos rumores, atividade incessante. A CNN inventou um tempo linear que só pode parar no fim. Mas as paradas estão por toda a caminhada e por todo

o processo. Sem acostamento, a vida parece fluir mais rápida e eficiente, mas ao custo fóbico de uma paisagem que passa. O futuro é tão rápido que se confunde com o presente. As montanhas estão com olheiras, os rios precisam de um bom banho, as cidades de uma cochilada, o mar de umas férias, o domingo de um feriado.

Nossos namorados querem 'ficar' trocando o 'ser' pelo 'estar'.

Saímos da escravidão do século XIX para o leasing do século XXI – um dia seremos nossos? Quem tem tempo não é sério, quem não tem tempo é importante. Nunca fizemos tanto e realizamos tão pouco. Nunca tantos fizeram tanto por tão poucos.

Parar não é interromper. Muitas vezes continuar é que é uma interrupção. O dia de não trabalhar





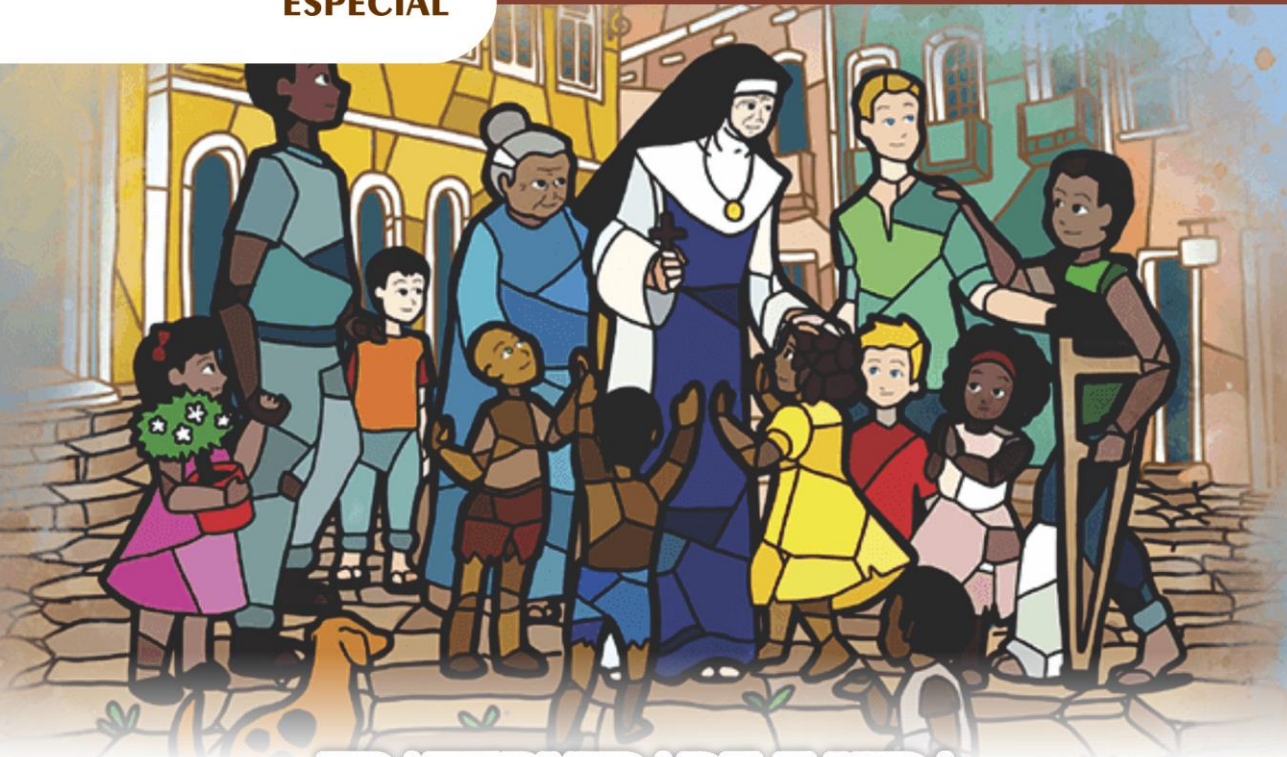
não é o dia de se distrair – literalmente, ficar desatento. É um dia de atenção, de ser atencioso consigo e com sua vida. A pergunta que as pessoas se fazem no descanso é ‘o que vamos fazer hoje?’ – já marcada pela ansiedade. E sonhamos com uma longevidade de 120 anos, quando não sabemos o que fazer numa tarde de domingo.

Quem ganha tempo, por definição, perde. Quem mata tempo, fere-se mortalmente. É este o grande ‘radical livre’ que envelhece nossa alegria – o sonho de fazer do tempo uma mercadoria. Em tempos de novo milênio, vamos resgatar coisas que são milenares. A pausa é que traz a surpresa e não o que vem depois. A pausa é que dá sentido à caminhada.

A prática espiritual deste milênio será viver as pausas. Não haverá maior sábio do que aquele que souber quando algo terminou e quando algo vai começar. Afinal, por que o Criador descansou? Talvez porque, mais difícil do que iniciar um processo do nada, seja dá-lo como concluído.

**Texto escrito por** Nilton Bonder, rabino e escritor. Retirado do [textosparareflexao.blogspot.com](http://textosparareflexao.blogspot.com)





## FRATERNIDADE E VIDA: Dom e Compromisso

**A** Campanha da Fraternidade é o modo pelo qual a Igreja no Brasil vivencia a Quaresma. Há mais de cinco décadas, anuncia a importância de não se separar conversão e serviço. Em 2020, a Campanha da Fraternidade nos convida-nos a olhar de modo mais atento e detalhado para a vida. Convida a um olhar que se eleva para Deus, no mais profundo espírito quaresmal e volta-se também para os irmãos e irmãs, identificando toda a criação como presente amoroso do Pai. Deseja ser uma motivação para olhar as diversas realidades, interpelando-nos sobre o sentido da vida, nas suas diversas dimensões: pessoal, social, espiritual e ecológica.

Com o tema “Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso” e o lema “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34), extraído da Parábola do Bom Samaritano, busca conscientizar, à luz da palavra de Deus, sobre o sentido da vida como dom e compromisso, que se traduz em relações de cuidado recíproco entre as pessoas, na família, na comunidade, na Fraternidade, na sociedade e no planeta - nossa casa comum. Esse lema quer nos encorajar, a servir com espírito de humanidade, cuidado e amor, tendo Jesus Cristo como referencial.

A Campanha da Fraternidade 2020, faz memória da vida de Santa Dulce dos pobres.

Dulce, mulher frágil no corpo, mas forte em suas

peregrinações pelas terras de São Salvador da Bahia de Todos os Santos, incansável peregrina da caridade e da fraternidade, testemunha que a vida é dom e compromisso.

A palavra dom vem do latim donu e significa dádiva, presente. É a capacidade que recebemos para o desempenho natural e fácil de determinadas tarefas. Acreditamos que é a graça que nos capacita para uma missão que nos é confiada.

Compromisso é uma aliança. Quando se diz que uma pessoa está “compromissada” é porque ela estabeleceu um compromisso de fidelidade, sob a forma de um relacionamento amoroso. O compromisso com Deus também é um acordo; uma aliança.

Os Objetivos Específicos da CF 2020 são dez:

- a) Apresentar o sentido de vida proposto por Jesus nos Evangelhos;
- b) Propor a compaixão, a ternura e o cuidado como exigências fundamentais da vida para relações sociais mais humanas;
- c) Fortalecer a cultura do encontro, da fraternidade e a revolução do cuidado como caminhos de superação da indiferença e da violência;
- d) Promover e defender a vida, desde a fecundação até o seu fim natural, rumo à plenitude;
- e) Despertar as famílias para a beleza do amor que gera continuamente vida nova;
- f) Preparar os cristãos e as comunidades para anunciar, com o testemunho e as ações de mútuo



cuidado, a vida plena do Reino de Deus;

g) Criar espaços nas comunidades para que, pelo batismo, pela crisma e pela eucaristia, todos percebam, na fraternidade, a vida como Dom e Compromisso;

h) Despertar os jovens para o dom e a beleza da vida, motivando-lhes o engajamento em ações de cuidado mútuo, especialmente de outros jovens em situação de sofrimento e desesperança;

i) Valorizar, divulgar e fortalecer as inúmeras iniciativas já existentes em favor da vida;

j) Cuidar do planeta, nossa Casa Comum, comprometendo-se com a ecologia integral.

O texto, do início ao fim, é profundamente bíblico. Tomando como centro a Palavra de Deus, o 'ver, julgar e agir' corresponde ao 'viu, sentiu compaixão e cuidou dele'. Aborda questões existenciais, como depressão, automutilação e suicídio.

Está dividido em três partes. A primeira parte: "VIU, sentiu compaixão e cuidou dele", segue sete tipos de olhares de Jesus: O olhar da atenção aos outros; O olhar sem a indiferença que gera ameaça à vida; O

olhar que não abandona a vida das pessoas; O olhar para o que destrói a natureza; O olhar sobre a indiferença que exclui a vida; O olhar da solidariedade social. A primeira parte termina com a pergunta: Qual será o nosso olhar?

A segunda é: "Viu, SENTIU COMPAIXÃO". Volta-se para sete tipos de compaixão de Jesus: Compaixão rompendo a indiferença; Compaixão é ter mais coração nas mãos; Compaixão é ter mais justiça nas mãos; A caridade verdadeira dá sentido da vida; Cuidar é ter mais ternura na vida; A boa-nova do cuidado da vida; Ecologia integral e o desafio do sentido.

Na terceira: "Viu, sentiu compaixão, E CUIDOU DELE" acompanha sete tipos do cuidar de Jesus: Disposição em servir; Um compromisso com a vida; Um compromisso pessoal; Uma renovação familiar; Cuidar das Missões; da Jornada Mundial dos Pobres; da Colaboração Social.

Na conclusão palavras de Santa Dulce dos Pobres: "Se fosse preciso, começaria tudo outra vez do mesmo jeito, andando pelo mesmo caminho de dificuldades, pois a fé, que

nunca me abandona, me daria forças para ir sempre em frente".

Com tantos problemas em nossa sociedade contemporânea como: violência de toda espécie, desemprego, crise econômica, pobreza crônica, depressão, ansiedade, drogas, abusos sexuais, roubos, idosos abandonados ... acreditamos que essa Campanha da Fraternidade vem na hora certa.

"Não se pode viver a vida passando ao largo das dores dos irmãos e irmãs", diz um trecho do texto base. Ver, sentir, compaixão e cuidar são os verbos que irão conduzir este tempo quaresmal. Procuremos vivenciar isso, como franciscanos e franciscanas, em nossas famílias, no relacionamento com nossos irmãos e irmãs de Fraternidade, expandindo essa vivência para o mundo.

Lancemos sobre a realidade olhar de discípulo (a) missionário (a), no desejo de colocar o olhar em sintonia com o de Jesus, Ele que é o bom samaritano. Ele vê e não se contém; vê e se envolve; não é indiferente, pois o sentido da vida é esse intercâmbio de cuidado.





# Palavras de Fé

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM

## Evangelho

**N**ós, cristãos, vamos tentando viver da melhor maneira possível nosso seguimento de Cristo Jesus. Ouvimos a Palavra de Deus, vigiamos nosso coração, tentamos nos aproximar do Senhor na oração, procuramos viver o amor fraterno, examinamos com frequência nosso jeito de viver para certificarmos de que estamos no bom caminho. Há muitas palavras que exprimem os componentes de nossa fé. Neste número, teceremos algumas considerações a respeito da palavra evangelho. Mesmo os mais avançados em idade conhecemos a palavra. Pode ser, no entanto, que para muitos ela indique quase que somente os quatro livros sobre a epopeia de Jesus segundo Mateus, Marcos, Lucas e João. Falamos dos quatro evangelhos e dos quatro evangelistas. Deve-se imediatamente dizer que o verdadeiro evangelho não foi escrito em papiro ou pergaminho, mas é uma pessoa viva que se chama Jesus Cristo, ressuscitado e presente no mundo e nas nossas vidas. Ele é o Evangelho, ele é a Boa nova. Os evangelizadores, que somos nós, discípulos de Jesus, anunciamos coisas boas, esperanças que podem se concretizar, sonhos que podem se transformar em realidade num fascínio pelo Evangelho.

A palavra grega euaggelion é composta do prefixo grego eu que quer exprimir o bom e a felicidade e de um termo que vem da palavra aggelos, mensageiro, anjo. Evangelho significa, pois, mensagem de felicidade, boa nova. Assim, Evangelho é a mensagem de felicidade, a revelação que nos trouxe Jesus Cristo, o Verbo feito carne.

Essa mensagem de profunda alegria é central no ensinamento de Jesus. Vem ele da parte do Pai para anunciar e inaugurar um mundo novo, um reinado de seu Pai no mundo e na trama da vida dos homens e das mulheres. Conhecemos o episódio de Jesus na sinagoga de

Nazaré. Ele faz a leitura do profeta Isaías. No final da leitura, dirá que aquelas venerandas palavras precisamente naquele momento se realizavam nele. O Espírito estava sobre ele. Jesus viera da parte do Pai para proclamar uma boa nova aos pobres, anunciar a libertação dos cativos, a cura dos cegos e a liberdade aos oprimidos (cf. Lucas 4,16-21).

Assim, a vida de Jesus se passará no anúncio de um mundo novo que ele designa de Reino do Pai ou Reino de Deus. Ele, com a força de sua vida, com seu jeito de viver, com suas reações aos fariseus, com a maneira como tratava os outros, de modo particular como se achegava

aos mais abandonados. Em tudo ia proclamando um tempo de graça. Cegos enxergam, coxos andam, surdos ouvem, leprosos são purificados. Tudo isso nada mais eram do que sinais de uma alegre transformação do coração das pessoas. Ele é a Boa Nova que deixamos penetrar em nosso interior. Somos seres novos, portadores de uma alegria no mundo. Boa nova do Reino!

A Boa Nova consiste no anúncio do Reino. "O Reino de Deus não é descrito conceitualmente, mas em chave de narrativa. O que podemos dizer é que ele é inseparável de Jesus, deste agora da salvação de



Deus, deste transbordar de sua graça na história. É inseparável deste rasgar da história aos pobres e infelizes. Deste bálsamo derramado nos corações quebrantados, desta palavra de alento aos que já não esperavam nada, deste aproximar de vidas concretas à possibilidade da salvação de Deus. Onde Jesus Cristo chegava, chegava o Reino. Onde Jesus estava, o Reino de Deus mostrava-se (José Tolentino Mendonça, Pai nosso que estais na terra, Paulinas, p. 73).

Evangelização, nova evangelização, a alegria do evangelho são expressões que chegam frequentemente aos nossos ouvidos. “Impregnados” de Cristo trata-se de ir pelo mundo proclamando um jeito diferente de viver: humanizar as pessoas, as estruturas, o modo de se governar; a compaixão como princípio de atuação (expressão de José Apago-a); os últimos que serão os primeiros. O Evangelho é como um fogo impetuoso que arde no coração das pessoas, de tal modo que haja uma alegria naquele que anuncia e um desejo de ser peça viva na construção

de uma terra fraterna de cuidados mútuos, de júbilo nos encontros com o Senhor e uma multidão de gente recolhendo os jogados à beira do caminho. Os anunciadores e aqueles aos quais é anunciada a Boa Nova fazem parte da festa do Reino, do banquete do Reino.

Trata-se de abraçar o Evangelho que é Jesus. Não se pode deixar de afirmar que a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus constituem o ápice da Boa Nova. O grande inimigo foi vencido: a morte. Ele, o Mensageiro, sofre, padece, morre e ressuscita. A solenidade da Páscoa é a maior proclamação da Boa Notícia. Misteriosamente, o Ressuscitado se assenta à nossa mesa quando estamos reunidos com o coração, quando ouvimos sua Palavra. A Boa Nova por excelência é o Ressuscitado: por que procurar entre os mortos aquele que vive? Ele precede a todos na Galileia. Por que o rosto triste? Somos peregrinos da vida. A morte, o desalento, o pessimismo não têm a derradeira palavra: somos candidatos à vida em plenitude, na vida de Cristo,

apesar de todos os entraves do caminho.

Nossa alegria é anunciar Jesus, vivo, a Boa Nova. Não se trata de repetir princípios doutrinários por mais corretos que sejam. A Boa Nova atinge a vida. “O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Esse convite não há de ser obscurecido em nenhuma circunstância! Todas as virtudes estão a serviço desta resposta de amor. Se tal convite não refulge com vigor e fascínio, o edifício moral da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo esse o nosso pior perigo; é que não estaremos propriamente a anunciar o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas. A mensagem correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter o perfume do Evangelho” (Papa Francisco, A alegria do Evangelho, n. 39).





## A RESPEITO DA ESPERANÇA

O ser humano manifesta uma sede insaciável de plenitude de felicidade e de amor. Mesmo com uma estrutura psicossomática frágil e com a existência ameaçada em suas mais diferentes dimensões, no entanto, no que diz respeito a esta sede a pessoa vive com uma confiança fundamental no futuro. Trata-se de um dado da experiência de todos os dias e que nos deve levar a pensar.

Esta confiança é que chamamos de esperança. Da mesma forma que a fé e o amor, ela é um dinamismo fundamental da pessoa. As três, antes de serem virtudes teológicas, são infraestruturas antropológicas, quer dizer, dimensões constitutivas da pessoa humana que regulam sua vida em suas orientações fundamentais. A partir de sua racionalidade e de sua liberdade, o homem se defronta com a questão do sentido. A partir desta perspectiva sua existência é de fé, pois adere a um projeto de vida que dá coerência a todas as suas opções. A esperança é o pressuposto de sua liberdade e de suas opções de vida. O amor explica a pessoa humana como um ser de relação.

A esperança se move sempre ao redor da vida. Frente a uma concepção circular, cíclica e fechada do tempo, própria das antigas culturas agrícolas, o homem atual tem uma concepção linear e histórica do tempo. A história supõe a irreversibilidade, a descontinuidade e heterogeneidade dos distintos momentos. Nesse contexto

**A esperança leva à busca, aproxima-se da vida, cria cumplicidade com ela, luta contra o que a ameaça e acredita na solidariedade.**

é possível viver a esperança como uma experiência existencial e social dos seres humanos imersos sempre em situações de amor, de alegria, de sofrimento, de solidariedade, de morte... A esperança nos faz perceber múltiplas possibilidades históricas, no âmbito pessoal e coletivo (amor e ódio, justiça e injustiça, liberdade e

alienação, vida e morte, êxitos e fracassos etc.). Aquele que tem esperança está consciente da responsabilidade humana no que concerne seu próprio futuro, de sua capacidade de cultivar o momento presente para preparar o amanhã. A esperança leva à busca, aproxima-se da vida, cria cumplicidade com ela, luta contra o que a ameaça e acredita na solidariedade. Assim, a esperança coincide com a possibilidade de viver, porque mesmo com a consciência do drama e da vulnerabilidade da vida, ela se nos apresenta formosa e atraente, cheia de oportunidades, projetos e sonhos.

## FORMAÇÃO



## ANIMAÇÃO FRATERNA: Resgate, Testemunho, Construção...

**A**o longo da história, JUFRA e OFS sempre buscaram um diálogo, de modo a fortalecer a espiritualidade em comum por um laço de reconhecimento mútuo do carisma, do compromisso evangélico e da formação franciscana.

Nesta perspectiva, surge o Diretório das Mútuas Relações entre a OFS e a JUFRA do Brasil (DMR), um documento que descreve normas que surgiram do diálogo entre OFS e JUFRA, em especial no chamado "Acordo de Anápolis" (1984), aclarado pela Assembleia Nacional da OFS em Nova Iguaçu, em 1985, e nas resoluções do VI CONJUFRA, realizado em São Luís do Maranhão, em fevereiro de 1986.

Dez anos após o DMR, em 17 de novembro de 1996, aprova-se o Estatuto da Animação Fraterna à Juventude Franciscana do Brasil, com atualização no XII CONJUFRA, em 2004. A partir do Estatuto, a função do Animador Fraterno, juntamente com o Assistente Espiritual, passa a ser direcionada por três pilares: a fidelidade ao carisma franciscano, a comunhão com a OFS e com a Igreja, além da união com toda a Família Franciscana.

Em sintonia com esses pilares, as Constituições Gerais da OFS (CCGG), em seu artigo 96,



destacam um ponto importante para o papel do Animador Fraterno: "A OFS, por força de sua própria vocação, deve estar disposta a comunicar a sua experiência de vida evangélica aos jovens que se sentem atraídos por São Francisco de Assis e a procurar os modos adequados para apresentá-la".

Ao mesmo tempo em que, a partir desse documento, a OFS assume a responsabilidade de expandir à juventude esse carisma, ela também reconhece que: "a JUFRA tem organização específica, e métodos de formação e pedagógicos adequados às necessidades do mundo juvenil, segundo as realidades existentes nos diversos países".

Neste sentido, a JUFRA se constitui a Juventude da Família Franciscana que deve ser amparada pela Ordem Franciscana Secular, a qual deve oferecer o suporte necessário para que essa juventude



cresça e se desenvolva sob a ótica do carisma franciscano, reconhecendo sua autonomia e valorizando sua singularidade. Em seu artigo 97, as (CCGG) instituem o compromisso de que:

“As Fraternidades da OFS, por meio de iniciativas e dinâmicas apropriadas, promovam a vocação juvenil franciscana. Cuidem da vitalidade e expansão das Fraternidades de JUFRA e acompanhem os jovens em seu caminho de crescimento humano e espiritual com propostas de atividades e conteúdos temáticos”. E, assim, o papel da Animação Fraterna vai historicamente se constituindo, não a partir de um olhar vertical de regulação, mas sob um viés de

**“E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho”.**



comunhão fraterna, colocando-se a serviço da Juventude Franciscana na orientação para a caminhada franciscana secular. Caminho esse que acontece dentro da experiência de fraternidade, e reflete um pouco do que frei Francisco escreve em seu Testamento: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho”.

A fraternidade é o coração da nossa espiritualidade, é um bem precioso, lugar de crescimento e conversão, a partir da vivência fraterna somos fortalecidos e formados através do testemunho dos nossos irmãos.

Para o Animador Fraterno o presente da vida em fraternidade vem em dobro, pois possui duas fraternidades para viver sua vocação. Destacamos aqui a JUFRA, pois seu papel vincula-se ao seu testemunho de vida. A partir dele é despertada nos corações dos jovens a mesma resposta que brotou no coração do jovem de Assis - “É isso que eu quero, é isso que eu procuro, é isso que desejo fazer de todo meu coração.” - para viver e dar continuidade à sua vocação.

*“A missão principal do animador fraterno é a de dar testemunho da vida evangélica manifestada em suas interações com a JUFRA.”*

**(Diretrizes para a Animação Fraterna)**

Dinâmico e jovem de espírito; aberto e disponível para aprender; espiritual, bem formado e consistente; respeitoso, capaz de ouvir e aberto ao diálogo - são muitas as características do Animador Fraterno que encontramos nos nossos documentos. Além dessas, é preciso aliar ao serviço duas palavras que serão importantes para nossa juventude: Ser Efetivo e Ser Afetivo. Efetivo está vinculado à sua participação nas reuniões e eventos da fraternidade da JUFRA, enquanto o afetivo está relacionado aos vínculos que nascem a partir do exercício do serviço, criam laços, permitindo nascer, assim, a amizade entre nossos jovens da JUFRA.

*“Animação Fraterna é sinônimo de acompanhamento, já que sua tarefa principal é estar ao lado da juventude em sua trajetória de crescimento franciscano, que pressupõe também o humano e o cristão.”*

**(Incorporação dos membros da JUFRA à OFS)**

Considerando essa construção histórica, fruto do relacionamento entre OFS e JUFRA, e o testemunho como expressão vital do franciscanismo, a Animação Fraterna se constitui em um importante serviço de vivência fraterna que deve motivar os jufristas à fidelidade ao carisma e

visa promover a maturação de sua vocação franciscana secular levando-os à Profissão no âmbito da OFS. Portanto, este serviço deve servir como instrumento de comunhão entre OFS e JUFRA em todos os níveis, participando e acompanhando com grande carinho o dia a dia das

fraternidades de JUFRA e de cada jufrista, criando uma relação onde o diálogo seja uma constante e os laços fraternos fortalecidos. Cabe lembrar neste ponto que o Animador Fraterno deve ser um construtor de pontes, passarelas, viadutos que fazem ligação entre as Fraternidades JUFRA





e OFS. É importante ressaltar que a ponte não nega a existência de um vale, ou de um rio embaixo dela, seu serviço é criar meios de se transportar com segurança, de um lado a outro, de facilitar o caminho.

A responsabilidade da Animação Fraterna pertence à Fraternidade da OFS inteira, que, através do exemplo dos irmãos e irmãs, deve criar as condições adequadas para trazer a espiritualidade franciscana secular aos jovens. O Conselho da Fraternidade de OFS atende a essa responsabilidade, organizando reuniões conjuntas marcadas por um espírito de comunhão recíproca e nomeando pessoas idôneas para

servir como Animadores/as Fraternos/as.

Na Animação Fraterna Nacional (2019-2022), temos hoje uma experiência sendo construída, denominada Animação Fraterna Colegiada, pois foram nomeados pela OFS do Brasil um Animador Fraterno e duas Assessoras para estarem à frente deste serviço. É importante destacar que esta ideia de Colegiado foi gestada ainda no triênio 2010/2013 da Jufra do Brasil, sendo concretizada agora pelo atual Conselho Nacional da OFS.

Neste novo contexto, com a Animação Fraterna Colegiada, queremos sim "avançar para águas mais profundas", pois somos

conscientes da importância deste serviço à Jufra do Brasil, não só por questões geográficas, mas, sobretudo, por um efetivo trabalho de aproximação e uma presença afetiva junto às Fraternidades e aos jufristas.

Somos, sim, uma Equipe de Animação Colegiada e Integrada, com o objetivo de facilitar nossa missão no tocante à Animação Fraterna Nacional e, juntos, queremos celebrar sempre os laços fraternos entre a JUFRA e a OFS, pois temos em comum a mesma vocação, portanto, "é impossível imaginar a JUFRA afastada da OFS, da mesma forma é difícil pensar a OFS sendo indiferente à JUFRA".

			
<b>FICHA PARA ASSINATURA DA REVISTA PAZ E BEM</b>			
<b>Nome Completo:</b>			
<b>Telefone:</b>		<b>e-mail:</b>	
<b>Endereço:</b>			<b>Número:</b>
<b>Complemento:</b>	<b>Bairro:</b>	<b>Cidade:</b>	<b>UF:</b>
<b>Fraternidade:</b>		<b>CEP:</b>	
<b>Fraternidade:</b>		<b>Data de Nascimento:</b>	

A revista é bimestral, ou seja seis exemplares por 1 (um) ano. O pagamento é antecipado no valor de R\$ 45,00 (Quarenta e cinco reais). As revistas serão enviadas pelo correio.

Lembramos que a assinatura será válida após o envio da xerox do comprovante de pagamento na forma que você preferir:

- Depósito direto nos bancos:

Bradesco- agência 3176-3 - conta corrente 13122-9

Banco do Brasil- agência 0392-1 - conta corrente 13907-6

Toda e qualquer forma de pagamento deverá obrigatoriamente ser efetuada em nome da Ordem Franciscana Secular do Brasil.

Seja assinante da Revista Paz e Bem. A revista mais franciscana do Brasil!

**Favor enviar comprovante para: [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)**



# Retratos da Nossa Gente

## EDITH STEIN: SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ

### *Uma vida que abraçou o mistério da cruz*

*Umhas poucas linhas sobre uma das mais importantes figuras femininas da vida cristã e de consagração religiosa do século passado Edith Stein, na vida carmelitana, Irmã Teresa Benedita da Cruz.*

**A Redação**

**E**dith Stein foi um brilhante filósofa alemã de origem judia, atea que veio a se converter ao cristianismo. Nasceu em 12 de outubro de 1891, tornou-se carmelita e morreu em 1942. Em pouquíssimas palavras, este foi o percurso de Santa Teresa Benedita da Cruz, seu nome de religiosa. Sua irradiação nada tem a ver com a luminosidade quase meridiana de Santa Terezinha ou de São Francisco. Desde de sua terra natal, na Silésia, até sua morte, no campo de concentração de Auschwitz, vemos uma existência vivida sob o signo da cruz. Sempre a firmeza de ver a páscoa que passa pelo mistério do sofrimento, de modo particular pelos cruéis atentados ao homem, aos indefesos, de forma injusta e de violência inominável. Edith viveu os terrores e tormentos da guerra e da transformação do homem em animal feito crueldade. Quanto sofrimento de inocentes nos tempos loucos da guerra!

Sempre a cruz de Cristo. Nossa união com a cruz do Senhor. A cruz de Cristo e nossas cruces. Belas e profundas as palavras de São João Crisóstomo que nos falam desse mistério que foi a alma da vida de Edith Stein: “Graças à cruz, não erramos mais na solidão, pois conhecemos o verdadeiro Caminho; graças à cruz não estamos mais fora da morada, pois encontramos a Porta; graças à cruz não tememos mais as brasas inflamadas do inimigo, porque encontramos a Fonte; graças à cruz, a Igreja não vive mais na viuvez, pois

recebeu o Esposo; graças à cruz, não temos mais medo do lobo predador, pois o Bom Pastor está conosco” (Lecionário Monástico II, p. 576).

Pela primeira vez Edith encontrou a cruz na vida de sua amiga Ana, cujo marido, o filósofo Adolf Reinach fora executado no front de Flandres (1917), ele que havia recebido um pouco antes o batismo protestante. A atitude da viúva do filósofo, marcada por uma paz que reconforta, põe por terra os argumentos de Edith: “Este foi meu

primeiro encontro com a cruz e a força divina que recebem os que a carregam”, haveria ela de mais tarde confiar. Quatro anos mais tarde ela pede para ser batizada na Igreja católica e será, efetivamente, batizada a 1º de janeiro de 1922. Sempre a cruz presente...Tudo indica que o começo de sua conversão está vinculado à leitura de um livro de Santa Teresa d’Ávila quando estava em casa de sua amiga Hedwig Conrad-Martius.

Em 1933 ela se dá conta do sombrio destino do povo judeu. Uma



sombra em sua vida... O nazismo eliminava os judeus, um verdadeiro extermínio. Esse sofrimento fez que mais e mais Edith viesse a amadurecer. Será uma religiosa alegre e sorridente no meio de suas irmãs carmelitas. Tendo entrado no Camelo de Colônia, em 1934, permaneceu atraída pela Paixão de Cristo. Certamente sua fé clara e meridiana clareou aquele momento tenebroso da história da Europa e do mundo.

Desde a chegada de Hitler ao poder, em 1933, ela, como judia, foi destituída de suas funções de professora no Instituto universitário de pedagogia de Münster, na Westfália, onde ensinava antropologia. Passou por sua cabeça a ideia de se dirigir a Roma para explicar ao Papa a urgência de uma Encíclica sobre a questão judaica. Foi dissuadida do propósito. Não teria chance alguma de ser recebida pelo Papa devido às

celebrações do Ano Santo com grande afluência de numerosíssimos peregrinos a Roma. Resolveu escrever à Sua Santidade. Pode-se supor que sua solicitação não foi em vão e que tenha ajudado o Papa a escrever mais tarde, em 1937, a encíclica *Mit brennender Sorge* (De uma pungente inquietude), na qual ele denuncia o antissemitismo e refere-se ao nazismo dizendo que se trata de uma apostasia contrária à fé cristã. À medida em que as perseguições nazistas se amplificam, vem à memória de Edith a figura de Ester, que livrou seu povo diante do furor do general Amã. “Penso sempre em Ester. Sou uma pobre e frágil mulher”, escreve ela a amiga ursulina, “mas o Rei que me escolheu é infinitamente grande e misericordioso”. Ela se oferece pela paz no mundo. Quando, no dia 2 de agosto, a Gestapo vem buscá-la, na verdade não é presa. Ela se entrega, como Cristo: “Vem (diz ela

a sua irmã Rose, esta também carmelita), vamos em prol de nosso povo”. Edith Stein nos leva com ela pelo caminho da liberdade, da coragem e da abnegação.

Evidentemente uma tal força e particular estado de Paz Edith hauriu de sua vida interior. Ela observa, num estudo consagrado ao psiquismo, que existe um estado de “repouso” em Deus sem que intervenha a reflexão ou uma atividade qualquer da mente. Afirma ter experimentado este estado, num momento em que se sentia completamente além de seus limites, no extremo de poder suportar a dor. “Um sentimento de segurança e de abandono” que ela chama de “vida nova”. Por meio da fé ela vai descobrir que tal fonte nela não é outra coisa senão uma cidade, uma fortaleza ou ainda castelo interior, como dizia Teresa d’Ávila. Não há outro caminho para chegar ao centro desta morada senão a oração e a contemplação.

## TRECHO DE UMA BIOGRAFIA

Do campo de concentração, a irmã Benedita escreveu três vezes ao Carmelo de Echt. Na primeira carta, muito breve, leem-se estas palavras, bem características dela: “Estou satisfeita com tudo. Só se pode conquistar uma scientia Crucis quando se chega a sentir a fundo a cruz. Desde o primeiro instante, estive convencida disso, dizendo de coração: Ave Crux, spes única! “Salve ó Cruz, única esperança”. A segunda continha apenas a lista de coisas que ela e sua irmã Rosa ainda precisavam. Depois de pedir o volume do Breviário correspondente ao período litúrgico seguinte, acrescentava como que uma suave exclamação de júbilo: “Até agora pude rezar esplendidamente!”. A terceira carta, telegráfica, parece ter sido escrita com muita pressa. Lê-se o endereço do cônsul da Suíça em Haia e o pedido de que os irmãos solicitassem providências o quanto antes. Na manhã seguinte, 7 de agosto, primeira sexta-feira do mês, cerca de mil judeus do acampamento de Westerbork foram embarcados aos magotes em vagões de gado e levados para um destino desconhecido. Trezentos eram católicos de origem judaica, dos quais quinze religiosos. Entre estes, havia cinco trapistas da mesma família, os irmãos Löb, que voltavam a se encontrar depois de muito tempo

de separação; e havia também algumas amigas leigas de Edith, como a dra. Ruth Kantorowicz e Alice Reis. Deve ter sido ao menos um pequeno consolo encontrar-se com elas. Os guardas ainda tentaram enganar os prisioneiros, diziam que iam para campos de trabalho no Leste, onde teriam que trabalhar duro, mas poderiam levar uma vida livre e agradável!

### POEMA DE EDITH STEIN

Tu diriges repleto de amor  
esse teu olhar no meu olhar,  
prestas atenção às minhas palavras frágeis  
e enches de paz o fundo de meu coração.

Teu corpo atravessa  
misteriosamente o meu  
e tua alma à minha se une:  
não sou mais o que antes eu fui.

Tu vais e vens,  
mas a semente que lançaste  
permanece para a glória futura

**Elisabeth Kawa**  
Edith Stein  
A abençoada pela cruz  
Quadrante, p. 130-131



# Daqueles que servem

## “O MINISTRO E VICE-MINISTRO LOCAIS”

Queridos Irmãos e Irmãs, PAZ E BEM!

**E**stando exercendo atualmente a missão de Ministra local, tenho que agradecer a oportunidade de refletir com os leitores dessa amada revista, esse tema tão importante. Já a partir dos primeiros Capítulos da Ordem, São Francisco se preocupou com esse tema e creio que muitos já leram a ‘Carta a um Ministro’. Esta é uma verdadeira joia que consta das Fontes Franciscanas, à disposição de todos que seguem esse carisma. Convém meditá-la com carinho e constatar a sensibilidade de São Francisco, que manifesta com tanta felicidade a grande misericórdia do Senhor para com os pobres pecadores e, principalmente, com os frades que estavam dispostos ao seguimento de Jesus, mas eram fracos.

De fato, compete ao Ministro e Vice-Ministro locais a responsabilidade de conduzir a Fraternidade conforme nos solicita acima de tudo o Evangelho, a Regra, as Constituições Gerais, o Estatuto local e o Regimento interno, este último, quando houver. Mas, as atitudes, o olhar, as palavras, tudo deve ser norteados por um grande amor fraterno, grande paciência e misericórdia. Esses documentos todos são o suporte para se andar no trilho, para não se desviar e, assim, proteger a toda a fraternidade de qualquer vício ou desatino que possa enfraquecê-la.

Por estarem a serviço, nem o Ministro, nem o Vice, podem criar distância com nenhum membro da Fraternidade. Ambos devem ter diálogo com todos, e praticar a

pedagogia franciscana, que consiste no acolhimento sincero, na aceitação dos irmãos e irmãs como são. Precisam ser tratados com toda atenção e delicadeza, sentir-se amados e queridos na Fraternidade. Não escolhemos nossos irmãos, mas, obedecendo a Deus, devemos amar a todos, pois ‘quem ama o irmão cumpriu a lei’.

O Vice-Ministro precisa conhecer tudo o que é realizado pelo Ministro. Ambos devem conduzir os encontros, tomar as decisões, fomentar iniciativas, preparar estratégias, em conjunto e, a partir deles, o Conselho da Fraternidade precisa perceber que são dignos de credibilidade, isto é, trabalham em comunhão para o bem de toda a Fraternidade e assim todos ficam

fortalecidos no empenho de servir, agregando-se as forças e os dons de todos os eleitos.

Quando o Ministro se ausenta este Vice-Ministro precisa estar bem preparado para assumir os encargos de condução da Fraternidade sem que esta venha a sofrer qualquer prejuízo pela ausência do titular. Deve conhecer todas as correspondências, os documentos, as solicitações dos Conselhos superiores, enfim, ter condições de enfrentar plenamente os encargos que lhe competem, como se fosse o Ministro.

E, quando eles estão presentes no governo, ambos devem ter suas atividades em comunhão e colaboração, de modo que se o Vice-Ministro faltar o titular possa convocar



outro irmão ou irmã para ajudar no inteiro prosseguimento das atividades.

Convém ressaltar que ambos devem defender como prioridade a unidade e boa convivência fraterna em toda a fraternidade. Devem rechaçar toda espécie de fofoca e nunca aceitar mal comentário de um irmão. Se for o caso de uma correção fraterna, deve ser chamado o irmão ou irmã em particular e cuidar do caso com todo cuidado e caridade. Conforme a gravidade deve ser ouvido também o Assistente da Fraternidade.

É muito importante, é fundamental o testemunho do Ministro e do Vice-Ministro. O comportamento deles precisa incluir a caridade em primeiro lugar, a obediência a Deus, enfrentando tudo com serenidade, a pobreza, despojando-se de si mesmo em vista dos serviços que precisa realizar, a castidade, respeitando profundamente a dignidade de cada

irmão e irmã, a lealdade, inspirando confiança nos diálogos e nos atos que praticam. Tudo deve testemunhar o amor que vem de Deus e para Deus volta.

O esforço de comunhão de vida com base no Evangelho foi muito lembrado por São Francisco: “Tudo quanto desejardes que os homens vos façam, fazei-o também a eles”. E ainda como está na Regra não Bulada 4,3-4: “Guarda-te de jamais fazer a outrem o que não querias que te fosse feito”. E para isso tanto o Ministro como o Vice, de modo especial, precisam vigiar-se no convívio fraterno.

A missão principal do Ministro e do Vice na vocação franciscana secular é a de ajudar os irmãos e irmãs a caminharem em sua vocação-missão e conservá-los na fidelidade para com Deus, por meio do Evangelho e da Regra. E a partir desses instrumentos, serem orientados pela formação, para serem

leais consigo mesmos, com Deus e com toda a Fraternidade.

Convém lembrar como é importante a presença do Ministro e do Vice na Eucaristia e outras devoções e momentos solenes junto com os irmãos e irmãs, nas atividades de convivência fraterna e nos serviços apostólicos que possam prestar como presença no mundo, servindo também à sociedade, não só aos membros internos, mas evangelizando e testemunhando aos de fora o valor da Palavra de Deus e da fraternidade.

Enfim, acolhendo com bondade o projeto de Deus nosso Pai para nossas vidas, a fraternidade com Cristo e a comunhão no Espírito Santo, o Ministro e o Vice se responsabilizam de modo especial para formar um espaço eclesial onde os irmãos e irmãs poderão crescer na fé, na esperança e na caridade em comunhão.





## NOSSO PATRIMÔNIO

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM

### O ENCONTRO DE FRANCISCO E CLARA

*Não podemos separar esses dois de Assis: Francisco e Clara. Não temos muitas informações a respeito de possíveis encontros entre os dois antes da “noite da fuga” de Clara. Recentemente tivemos a publicação em português de uma “saborosa” biografia de São Francisco de Assis escrita por Felix Timmermans, autor holandês, que escreveu seu livro (A harpa de São Francisco) em 1932. Vamos transcrever umas poucas páginas sobre o encontro de Francisco e Clara. Fica evidente que o autor deu largas à sua fértil imaginação poética, o que até torna a leitura mais agradável. O escrito parece até o roteiro de um filme.*

A Redação

**A** lua crescente brilhava exatamente sobre a cabana de Francisco. Irmão Tiago, o irmão encarregado de acordá-lo, observou este fato. Para o irmão Tiago essa meia lua sobre a cabana tinha um grande significado: era como a estrela de Belém. Francisco encontrava-se de joelhos. Irmão Tiago se ajoelhou também e falou: “Pai, eu venho lhe avisar que já são seis horas, como me pediu”. Francisco nada respondeu. Elevou os braços e os cruzou sobre o peito, como se tivesse tirando algo do ar para escondê-lo em seu coração. Irmão Tiago o imitou. Francisco, levantando-se, o saudou. Tiago, de mesma forma, respondeu-lhe a saudação.

Francisco retirou-se apressado, saiu porta afora e distanciou-se sob as árvores, indo até uma pequena fonte. Aí se deteve. Na penumbra, tudo estava em silêncio, nada se ouvia a não ser o murmúrio da água. As árvores anunciavam a primavera. Francisco olhou ao seu redor e não viu ninguém. Havia emagrecido muito pelos constantes jejuns e penitências. Sua aparência demonstrava que naquele tempo da quaresma havia partilhado das dores de Nosso Senhor. De vez em quando, um lampejo de alegria brilhava em seus olhos.

Inclinou-se e, com as mãos em concha, sorveu água da fonte e disse: “Clara irmã Água. Criatura casta e inocente, quão bela e quão boa Deus a fez para o bem-estar dos homens, para seu santo batismo e para matar sua sede. O Senhor conserve igualmente a pureza da jovem Clara para a salvação da humanidade”.

Em pensamento ele a viu diante de si, como a tem visto diversas vezes na igreja, quando mendigava ou cantava na praça do mercado ou, sobretudo, nas pregações quaresmais que ele fez na igreja de São Rufino. Às vezes tem pregado só para ela. De todo o coração lhe suplicava



que buscasse somente a Deus, e pelo brilho de seus olhos reconhecia que ela o escutava solícita, pois lentamente estava se desligando do mundo.

Quantas vezes desejara falar com ela. Delicadamente dominava seu desejo, mas hoje, ao meio dia, quando voltava da visita a um doente, uma sua tia, falando com ele, perguntou-lhe se a jovem Clara não poderia conversar com ele a sós. Francisco escolheu esta fonte como lugar do encontro...

A água escorria-lhe por entre as mãos. “Irma Água, Irmã Árvore! Alegrem-se comigo, logo mais virá ao meu encontro um anjo”. Enquanto deixava as gotas de água cair por entre os dedos, ouviu o barulho do estalar de galhos, e rapidamente enxugou na túnica as molhadas. Ali estava ela com sua tia. Esta parou e Clara, sozinha, aproximou-se dele. Trazia um longo manto sobre um vestido de seda verde-claro. Francisco deu um passo em sua direção e cheio de respeito lhe disse: “A paz do Senhor esteja contigo”.

Viu diante de si esta mocinha franzina de 18 anos, qual um sonho; um sonho de juventude e beleza. De rosto pálido, grandes olhos azuis, o nariz afilado, boca pequena e redonda e com exuberantes cabelos louros; parecia uma manhã primaveril em forma humana. Olharam-se comovidos. O mundo ao seu redor desvaneceu-se como uma névoa. Viam Deus um no outro; o Deus que os reuniu como alguém que juntou as mãos de ambos para rezar.

“Irmã”, disse ele fazendo um sinal para que chegasse mais perto. Ela se espantou. Aquele que ela

tanto admirava chamou-a de irmã. Clara tomou a mão úmida que lhe havia estendido e sussurrou: “Irmão...”

De mãos dadas, permaneceram diante da fonte. O brilho do pôr do sol tingia de ouro a copa das árvores e todo barulho emudeceu. Permaneciam em silêncio. Tinham muita coisa para dizer um ao outro; mas, agora que estavam juntos, sentiam-se tomados de tanta alegria que não encontravam palavras. Ela veio se encontrar com ele para queixar-se de sua tristeza e de seus medos, pois o pai queria casá-la com um cavaleiro, enquanto ela ansiava dedicar sua vida a Deus. Agora, perto dele, toda tristeza e todos os receios desapareceram. Embalados pela cristalina música dos céus, sentiam-se transportados acima do mundo e dos homens. Ele havia se esquecido de perguntar o que a tinha trazido até ali - ela estava diante dele. Isso era mais do que qualquer resposta. Eles irradiavam mutuamente sua beleza e força interior.

“Eu gostaria de partilhar de sua vida de pobreza em Cristo”, sussurrou ela. “Deus seja louvado pela primeira irmã da pobreza!”, exclamou ele com toda calma e reverência. “Abençoa-me, irmão”, pediu ela, e, inclinando a cabeça, ajoelhou-se. Seus cabelos caíram sobre o rosto, e com as mãos postas sobre o peito esperava a sua bênção. Francisco, igualmente, colocou-se de joelhos. Com mão trêmula traçou o sinal da cruz. Levantando-a disse: “Volte amanhã, irmã”.

“Eu virei, irmão”, respondeu ela. Lentamente, retirou-se caminhando sobre o musgo macio.

Ele ficou de pé acompanhando-a com o olhar. Estando sozinho na floresta, cobriu o rosto com as mãos.

### **A harpa de São Francisco**

Felix Timmermans, Vozes, p. 165-168

Trad. Conrado Vasselai, OFS (Bragança Paulista, SP)



**ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL  
XXXVIII CAPÍTULO NACIONAL ORDINÁRIO  
E INTERMEDIÁRIO DE AVALIAÇÃO**

*Inspirados por São Francisco e com ele chamados  
a reconstruir a Igreja, empenhem-se em viver em  
plena comunhão com o Papa...” (Regra e Vida 6)*

Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 2020.

**CONVOCAÇÃO**

Aos Caríssimos membros do Conselho Nacional, membros efetivos do Conselho Fiscal, Ministros e Vice Ministros Regionais, Assistentes Espirituais Nacionais e das Regiões da OFS do Brasil:

**PAZ E BEM!**

Com fundamento no artigo 12 do Estatuto Nacional, ficam obrigatoriamente convocados os membros dos respectivos Conselhos acima indicado, nos termos e para os fins indicados na cópia publicada do Edital em anexo, fixado na Sede da Fraternidade Nacional, instalada na cidade do Rio de Janeiro.

Conforme o disposto no artigo 9.º, incisos I e II, os convocados deverão comparecer a XXXVIII Assembleia Geral Ordinária ou Capítulo Nacional Ordinário e Intermediário de Avaliação, a realizar-se de 28 de fevereiro a 1º de março de 2020, nas dependências do Instituto São Vicente Casa de Retiros, localizado na Av. Elizeu Ramos de Mendonça, s/n, Lagoa da Cruz, Campo Grande/MS – Cep 79117-715 - Tel: (67) 3365-5000.

A abertura do Capítulo está prevista para o dia 28 às 16h.

Tema: "Regra: Medula do Evangelho e caminho para a missão".

Lema: "No júbilo da penitência Evangélica para uma Igreja em saída".

Relembramos a importância de cada membro convocado, pela função de representação que exerce, não somente pelo aspecto da participação, mas principalmente para avaliar a caminhada de um ano e meio, as metas que devem continuar sendo trabalhadas para o cumprimento de nossa missão e crescimento da OFS do Brasil.

Na impossibilidade da presença do Ministro(a) ou do Vice Ministro(a) pedimos que seja enviado um membro do Conselho, com DELEGAÇÃO FEITA POR ESCRITO, a fim de que tenha o direito de voz e voto. O modelo de Delegação segue em anexo.

Compõem esta Convocação, os seguintes anexos:

- a) Edital
- b) Agenda do XXXVIII Capítulo Nacional Ordinário Intermediário de Avaliação;
- c) Orientações Gerais;
- d) Regimento Interno do Capítulo Ordinário Intermediário de Avaliação;
- e) Ficha de Inscrição para os Capitulares;
- f) Ficha de Inscrição para os Convidados/Observadores;
- g) Modelo de Procuração particular de substituição (delegação);

À luz da Exortação Apostólica do Papa Francisco (Alegria do Evangelho), queremos que este Capítulo seja uma “retomada” da nossa vida em fraternidade, diante dos desafios da realidade em que vivemos, uma busca mais profunda da nossa identidade e missão na Igreja e no mundo.

Desde já, rezemos pelo bom êxito deste Capítulo.

Fraternalmente,

Maria José Coelho  
Ministra Nacional





## Sopram os ventos da Infância e Adolescência Franciscana

*"Queria (Francisco de Assis) que os maiores se unissem aos menores, que os sábios se ligassem aos simples por um amor fraterno." (Celano2, n. 191)*

**T**endo como impulso o desejo de Nosso Pai Seráfico, a Juventude Franciscana adota como prioridade a Infância e Adolescência Franciscana, com o objetivo de voltar a atenção às pequenas e aos pequenos, que são nossa esperança e futuro. Essa preferência foi um desejo externado pelos jufristas presentes no penúltimo Congresso Nacional Ordinário, celebrado em Campo Grande/MS, em 2016, e reforçada pela atuação do então Secretariado Fraternal Nacional, que atravessou as estradas do Brasil para suscitar o debate e preparar os jovens para o momento de discutir presencialmente e estabelecer quais seriam os próximos passos para a concretização desse sonho. Foi seguindo o mesmo caminho, em união e sintonia, que o Secretariado Fraternal Nacional do triênio 2019-2022 abraçou o projeto e passou a caminhar junto com a equipe que sonhou, planejou e esperou esse evento, o que culminou na realização do II Seminário Nacional da Juventude Franciscana do Brasil, este em Infância, Micro e Mini Franciscanos, que ocorreu de 22 a 24 de novembro de 2019.

Os objetivos do encontro, além de proporcionar a vivência em fraternidade e ânimo para a missão, foram: "dar visibilidade ao protagonismo da IMMF; pensar o serviço a partir da autonomia da IMMF, resguardando o vínculo à JUFRA; bem como elaborar proposta de reformulação das diretrizes de formação da IMMF", a ser aprovada no próximo Congresso Nacional da JUFRA, em 2022. O Seminário aconteceu em Brasília/DF, capital federal do Brasil, localizada na região Centro-Oeste, palco de diversas decisões importantes para o País, onde tivemos a oportunidade de refletir

e repensar o que queremos para as nossas crianças e adolescentes.

O cata-vento foi o símbolo utilizado para guiar as reflexões que nortearam as Escolas de Formação em Infância, Micro e Mini Franciscanos (IMMF) que ocorreram ao longo do último triênio (2016-2019) nas seis áreas em que a Juventude Franciscana se divide no País, etapa de preparação para o evento nacional que vivenciamos em novembro. Em quatro eixos - Protagonismo, Evangelização, Ludicidade e Acompanhamento - se desenvolveu e se perpetua o pensamento acerca dessa prioridade adotada pela Juventude Franciscana do Brasil.

Quatro cores, quatro eixos, quatro pontas, ligaram-se para formar esse símbolo que acompanhou todo o desenvolvimento do ideal e, agora, gira para movimentar e fazer soprar os ventos da Infância e Adolescência Franciscana, a serem difundidos por todo o País, para também as pequeninas e os pequeninos seguirem os caminhos de Cristo, nas pegadas de Francisco e Clara de Assis.

Nesse sentido, as quatro dimensões foram pensadas para dar amparo e vazão aos anseios que temos na estruturação de fraternidades de crianças e adolescentes articulados e independentes. A fim de resguardar o



Protagonismo, almeja-se favorecer o espaço para que exercitem o senso crítico, a proatividade e sejam agentes ativos de transformação social, desde a fase em que se encontram. É no mesmo sentido que objetivamos mostrar às pequenas e aos pequenos a importância da Evangelização, fazendo com que descubram Deus e a Igreja de forma a se encantarem e defenderem, bem como para que abram seus corações à espiritualidade e sejam sensíveis aos sinais divinos que desde cedo se manifestam em suas vidas. Como não poderia deixar de ser, eixo muito importante a ser trabalhado é a Ludicidade, que torna real e concreto tudo o que há de ser falado, aproximando daqueles que ocupam as fases iniciais da existência todo o conteúdo e a riqueza dos ensinamentos e sentimentos que vão os acompanhar em todos os outros momentos da estadia terrena. Finalizando e fazendo interconectar essas ideias, o Acompanhamento se faz essencial a fim de estar ao lado das irmãs e irmãos, como Jesus dos discípulos de Emaús, orientando, mostrando o caminho, e indicando a direção da Paz e do Bem. Afinal, o próprio Cristo foi quem disse “Deixai vir a mim as crianças.” (Mt 19, 14) e, obedecendo-O, traçamos e abraçamos essa motivação.

A OFS, como Família Franciscana, pode e deve também abraçar essa prioridade, repensando a

maneira pela qual recebemos as crianças e adolescentes e introduzimos ao carisma, trabalhando a partir dos quatro eixos que, nas quatro cores dos cata-ventos – Verde, Vermelho, Amarelo e Azul – simbolizam o foco que pretendemos ter para atingir e cativar aqueles que, ainda mais jovens que nós, vão conhecer o modo de vida que nos encanta e motiva a servir.

Na prática, incentivamos para que as fraternidades de OFS também (re)pensem esse cuidado, inclusive trabalhando para a construção e fortalecimento de fraternidades voltadas às irmãzinhas e irmãozinhos. Caso exista a dificuldade de cativar jovens, é importante cogitar a possibilidade de reunir crianças e adolescentes que possam dar os primeiros passos na busca pelo nosso ideal de vida, assim iniciando e fortalecendo a ideia de que é real a possibilidade de introduzir desde cedo a maneira pela qual viveram Francisco e Clara de Assis no seguimento do Evangelho.

Por meio da união e diálogo entre as fraternidades de JUFRA, das secretárias e dos secretários responsáveis pela Infância e Adolescência, com as fraternidades de OFS, das animadoras e dos animadores fraternos, conseguiremos perpetuar os laços que foram dados no Seminário Nacional, fazendo soprar os ventos da renovação, do cuidado, do

carinho, para todos os lugares que carecem e tem sede da nossa espiritualidade, mas que nós, por medos e angústias, acabamos tornando as dificuldades maiores do que são e não conseguimos tornar efetiva a evangelização.

Além da JUFRA e OFS, toda família franciscana é convidada a abraçar a Infância e Adolescência Franciscana. Em nosso Seminário tivemos a presença de uma irmã e duas leigas Franciscanas do Colégio Franciscano Pio XII, que tem o desejo de oferecer às crianças e adolescentes a formação franciscana, com o auxílio da JUFRA regional. Nossas Irmãs já estão tendo esse cuidado, e toda Família Franciscana é convidada a carregar o mesmo zelo e afeto.

Os caminhos estão sendo trilhados, o cata-vento gira e nos impulsiona para um novo tempo, basta que toda a Família Franciscana também se preocupe em proporcionar meios de perpetuação e fortalecimento do carisma, visando não só nossa permanência, mas principalmente a formação de pessoas que construirão, em pequenos e grandes atos, a Civilização do Amor.

É tempo de refazer o futuro, de fortalecer e (re)construir o que virá, a partir dos ideais franciscanos e da luta constante para semear, no mundo, a Paz e o Bem!

**Gabriela Consolaro Nabozny**

Secretária Nacional de Formação da Juventude Franciscana do Brasil

**Daniele Pereira Mendes**

Secretária Nacional de IMMF da Juventude Franciscana do Brasil



## **FRANCISCANOS SECULARES** **Animadores da Igreja**

Em nossos tempos há necessidade de reforçar os valores, mesmo no seio das comunidades da Igreja.  
O egoísmo, o egocentrismo, a obstinada insistência em fazer as coisas somente e sempre segundo nossas ideias, o mau uso do poder e dos bens, a sede de prestígio: todos esses sintomas de enfermidade espiritual não constituem uma prerrogativa somente da sociedade secular e da cultura de hoje.  
Somos seres humanos e somos a Igreja. Por isso, a Igreja precisa sempre reformar-se. Começar por si mesma e depois trabalhar os outros quando se tem a convicção de alguns progressos feitos.

A Igreja convoca franciscanos e franciscanas seculares a realizar tudo isso. Eles estão mais intimamente envolvidos na sociedade em que vivem do que podem estar os religiosos.  
Na Igreja, franciscanos e franciscanas seculares podem animar frades e religiosas partilhando sua vida, animar muitos sacerdotes desencorajados nas paróquias, por meio de sua lealdade (não oferecida acriticamente, mas partindo desse sentimento de se sentir unidos na única Igreja). Algumas vezes, nos esquecemos que os sacerdotes são homens e que precisam sentir-se amados!

Manual para a Assistência  
à Ordem Franciscana Secular  
e à Juventude Franciscana, p. 149



# MUITO OBRIGADO, SENHOR

**E, de repente, Senhor, se a gente pensasse em agradecer?  
Começo de um tempo novo! Vinte anos do novo século!  
Obrigado por tudo o que vivo e que considero como a mim devido,  
ou seja, simplesmente esse direito de viver e viver de verdade.**

**Precisamos bater na tecla: há o direito ao pão, ao trabalho, à casa,  
à privacidade, ao respeito e à preservação da boa honra.**

**Obrigado pelo dom da vida que vem de ti.  
Obrigado, Senhor, pela luz que clareia o mundo:  
revela a cor das árvores, mostra o caminho aos viandantes  
e é imagem da tua claridade.  
Que nunca venhamos a deixar nossos irmãos  
caminharem às cegas, vivendo nas sombras da morte.**

**Obrigado pelo ar que respiramos e que nos conserva na vida.  
Que Tu não permitas que nossas poluições semeiem a morte.  
Obrigado pela água que bebemos  
e fazer com que possamos também matar a sede de ti.  
Que nossos irmãos não morram de sede.**

**Obrigado pela Mãe Terra, como a chamava Francisco de Assis.  
Que ela seja respeitada e preservada para poder  
continuar nutrindo as futuras gerações.**

**Obrigado pelas riquezas humanas e espirituais que nos foram  
transmitidas pelos nossos antepassados.**

**De mãos estendidas suba até teu coração nosso canto de louvor.**



ÓRGÃO OFICIAL DA  
ORDEM FRANCISCANA  
SECULAR DO BRASIL

**Igreja de São Francisco da Prainha**  
Adro de São Francisco, s/nº - Bairro da Saúde,  
CEP: 20081-290 - Rio de Janeiro - RJ  
Telefax: (21) 2240-4565 e 2516-3478  
E-mail: [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)  
Caixa Postal: 50052 - CEP 20050-971